

# O Rio Ímpar

Marta Rolim

[Índice](#)

[Próxima](#)

# O Rio Ímpar

[Anterior](#)

[Próxima](#)

## ÍNDICE

■ [Amacuru](#)

■ [O Rio Ímpar](#)

■ [Transcendência](#)

■ [Via Aqua](#)

■ [Tempo de Maria](#)

■ [Argola](#)

■ [Castrações de uma Rosa](#)

■ [Glória Gozo](#)

■ [Cena Amorosa Sem Fim](#)

■ [Alianças](#)

"O açude enchia d` água e um grande lago se formava. Cícero e os cabras tomavam banho entoando Salmos; os dinossauros se afogavam e os peixes secos no seio das rochas sentiam de novo o gosto da vida."

**MARTA ROLIM**

Distribuição através da Biblioteca Virtual do  
site

[www.geocities.yahoo.com.br/mithosdigitais](http://www.geocities.yahoo.com.br/mithosdigitais)

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde  
que sejam preservadas as características originais da  
obra.

Contato: [vialiteraria@anjosdeprata.com.br](mailto:vialiteraria@anjosdeprata.com.br)

*Anterior*

*Índice*

# O Rio Ímpar

Marta Rolim

1ª Edição Eletrônica

Março de 2005

COPYRIGHT © 2005 do Autor

*Todos os direitos reservados*

[Anterior](#)

[Índice](#)

[Próxima](#)

## Amacuru

### **Ibi – Terra do Solimões**

Filho de Ibi - a Terra – Pauetê Nanbiquara, que no ancestral idioma significa arara vermelha, mirava no espelho das águas do Rio Solimões. A cabeça rubra, como uma grande juba de mico-leão-dourado ou como uma estranha alga ribeirinha, movia-se suavemente ao sabor do vento; a face medonha de fera exibia grandes dentes pontiagudos. Logo acima, e mais distante no reflexo das águas, estava Jaci, a Lua. Era para Jaci que Nanbiquara tinha olhos.

Súbito, ele se ergueu agilmente e cerrou as pálpebras. Sim, de olhos bem fechados podia ouvir o maravilhoso canto de Jaci. Logo o disco de prata revelaria sua plena beleza e Jaci brilharia no céu, gloriosa. A hora se aproximava.

Deu as costas para o rio e apontou os calcanhares para a floresta.

As pernas de Nanbiquara desciam lisas e regulares até os joelhos, depois simplesmente se invertiam: as panturrilhas figuravam abaixo das rótulas e deslizavam numa curva cheia para encontrar o delgado, mas firme, calcanhar. Havia muito que os curupiras andavam assim sobre a terra de Ibi.

Abriu os olhos e penetrou na densa mata, deixando suas estranhas pegadas para trás.

No alto do pico Apoena, ao redor de uma fogueira, estava reunido um pequeno bando irrequieto. O último bando de Ibi. Os pés ao contrário, com seus cinco artelhos, palmilhavam entre as pedras irregulares em perfeito equilíbrio. Nanbiquara, eriçando sua crista-juba de arara, vinha subindo pelo paredão rumo ao topo do Apoena, galgando as rochas com incrível habilidade. Abaixo dele, mil metros de abismo mergulhavam direto até o solo; e no horizonte, até onde a vista podia alcançar, o inferno verde de Anhangüera se estendia, lugar do diabo velho que habitava a imensidão.

Nanbiquara percorreu os últimos metros da parede e alçou seu corpo à plataforma. O

bando de curupiras levantou-se em alvoroço e veio rodeá-lo, baixando as jубas volumosas e lambendo o ar em sinal de sujeição. Nanbiquara proclamou, então, que havia ouvido o canto de Jaci. O bando inteiro pôs-se a uivar em uníssono.

## **J a c i – T e r r a   d a s   A m a z o n a s**

Yara emergiu das profundezas aquecidas e inspirou o ar gelado da caverna. Exalou com ruído. Inspirou novamente, tentando recuperar o fôlego, enquanto nuvens brancas escapavam de seus lábios carmim. Deixou-se flutuar até que o coração acalmasse, escutando os distantes ruídos submarinos, sentindo a umidade morna lavar o corpo, entregue à fluidez de um sentimento oceânico. Depois saiu das águas termais e foi se sentar ao sol, no ponto em que a caverna se abria para um jardim florido.

Juçara veio ajudá-la. Zelosamente penteou os longos cabelos de Yara. Coroou sua cabeça altiva e delicada com a jóia régia. Curvou-se em deferência. Perguntou o que gostaria de vestir e a um sinal seu, trouxe uma túnica de um ombro só, que caía por sobre os seios fartos com majestosa singeleza e cobria as pernas até um palmo antes dos joelhos. Assim que ministrou tais favores, Juçara se retirou em silêncio.

O saguão do templo palaciano se estendia convidativo. Belas piras de fogo ardiam; tapetes da mais fina lã dos Andes revestiam magnificamente o piso de pedra; pinturas coloridas cobriam a abóbada do teto e esculturas de ídolos de ouro e prata, em elegantes formas femininas, enfeitavam por toda parte. Yara entrou no templo, portando seu arco e seu alforje de flechas, ornada pela fina coroa de ouro, e foi entronizada no lugar de honra. Juçara se aproximou e sentou-se aos seus pés. As mulheres estavam silenciosas, aguardando a decisão da soberana. Yara tocou em sua maravilhosa coroa e estendendo o braço, abriu a mão direita.

- Chegou o tempo de acasalar! – anunciou a jovem rainha, depondo o arco e o alforje de flechas no chão.

Num só momento, as fêmeas guerreiras todas depuseram suas armas no chão, e começaram a fazer uma grande ciranda e a dançar alegremente, com graciosos gestos síncronos, acompanhadas por flautas e cantos. Havia sorriso e felicidade em todo o palácio e nenhuma moça deixava de se alegrar. Jaci brilhava plena no firmamento.

Na casa real, porém, havia silêncio. As horas passavam e a festa já dava sinais de findar. A decisão fora tomada. Yara entrou em seu quarto íntimo e principiou a chorar no leito.

- Porque choras, minha rainha? – irrompeu a prestimosa Juçara.

Yara, não resistindo mais a dor de um segredo, revelou o que a afligia. O povo das Amazonas – as temíveis guerreiras – se extinguiu rapidamente, o que não era fato desconhecido. Contudo, havia uma triste e terrível nova: os Botos já não apareciam há

muito, e por isso, somente por isso, ela, Rainha Yara, não mais pudera anunciar o esperado tempo de acasalamento. Pois com quem haveriam de acasalar-se?

Juçara caminhou de um lado para o outro pelo quarto real, sem nada compreender.

- Minha soberana, mas se os Botos desapareceram, como foi hoje anunciado o tempo de acasalar?

## **I b i – A n h a n g ü e r a**

O dia já amanhecia quando Nanbiquara e o bando de curupiras deixaram o pico de Apoena para trás. As jubas vermelhas se encontravam grandemente arrepiadas e os maiores machos disputavam um lugar ao lado de Nanbiquara, o líder. Na senda barrenta e escorregadia, ladeada de mata fechada, andaram por horas, com seu gingar bizarro. Deixando para trás suas pegadas dissimuladas, que sempre indicavam o caminho oposto ao que realmente seguiam.

Inútil estratégia! O único inimigo que sobrara, o temível Anhangüera, teria rido acintosamente - se a antiguidade não houvesse lhe roubado o humor - de tão tacanha e primitiva defesa. Os pés invertidos dos pequenos diabos, não passavam de uma piada esquecida e esgotada, cuja graça da natureza ninguém mais extraía.

Nanbiquara, contudo, guiava seu bando com destemor e ainda luzia em sua mente um pouco do conhecimento mágico dos antepassados. Uma intuitiva sabedoria o tornava mais esperto que os iguais, e em certas circunstâncias favoráveis, apto a enfrentar Anhangüera. O porte majestoso, sua espessa juba de um vermelho vivo, contribuía adicionalmente para sua dominância, mas não qual elemento decisivo, uma vez que haviam outros machos tão ou mais fortes do que ele.

Foi valendo-se de seu saber intuitivo, da sabedoria herdada dos antigos, que a certa altura da jornada, Nanbiquara, o grande arara vermelha, estancou a marcha e calou o bando de curupiras com um só gesto. A disputa entre quatro machos cessou de imediato e no silêncio que se seguiu, Pauetê Nanbiquara cerrou as pálpebras e ouviu o que pôde. Quando voltou a abrir os olhos, todos esperavam nova ordem. Anhangüera, Anhangüera vinha depressa.

O bando esperava ansioso, quase implorando uma ordem, uma ordem! Nanbiquara calmamente escolheu dois dos curupiras mais afastados de si, dois anões, e os instruiu a prosseguirem caminhando pela trilha principal, quais iscas, mas antes os fez molhar os dentes em veneno de xuatê, a cobra. A seguir, ordenou que o grupo se dividisse em duas metades. Cada qual deveria caminhar de costas até a beira do rio, usando trilhas diferentes, e lá chegando, adentrar um pouco o Solimões e depois, sem demora, subir pelos galhos curvados sobre as águas, até encontrar uma grande copa fechada. Nanbiquara esperava despistar Anhangüera com esse artifício. Já que a natureza dos pés contrários de nada mais lhes servia, fez o bando andar de costas, de modo a confundir



os olhos peritos do velho diabo, que na sua arrogância irrefletida, já se tinha por senhor dos mundos.

Os curupiras se foram, e sozinho na trilha principal, Nanbiquara examinou as fileiras de pegadas que restavam no barro, suficientemente embaraçadas, suficientemente convincentes. Depois observou cuidadosamente os galhos que pendiam sobre sua cabeça e saltando bem alto, seguiu num cipó forte e subiu até uma grande forquilha. Lá, escondido nas alturas, podia ver o Anhangüera passar e vigiar seus movimentos.

E Anhangüera veio. Surgiu lá embaixo, na trilha, quando o sol já estava a prumo. Seu imenso corpo era um corpo poderoso, mas de fato não era um corpo, como um corpo de curupira ou mesmo um corpo de Boto, mas apenas um de seus muitos corpos e de suas muitas forças. Ele veio resfolegando e emitindo um ronco surdo apavorante, mas Nanbiquara não se intimidava. Conhecia o poder mortífero do diabo, mas também conhecia os modos de vencê-lo, ainda que uma luta fosse apenas UMA luta.

Anhangüera parou no meio do caminho, escolhendo qual trilha perseguir. De repente o monstro amarelo voltou-se direto para Nanbiquara e começou a rumar decidido em sua direção, arrancando as árvores do caminho com furor, destruindo tudo ao redor. Quando chegou diante do mogno gigante que abrigava Nanbiquara, fez o mesmo gesto hostil, arrebanhou o tronco da árvore secular e a trouxe abaixo num instante. Nanbiquara pulou da copa do mogno e escapuliu com um esplêndido salto para a copa vizinha. Foi então que emitiu um grito infra-sônico que repercutiu pela floresta por quilômetros a fio.

O alarma não foi em vão. Reforços se puseram a caminho.

Os curupiras ouviram o grito do líder com tremor, pois sabiam que tal grito lancinante implicava uma só coisa: combate iminente! Apesar do medo e da ansiedade que perfurava suas almas rudes, o ímpeto, e a coragem de guardiões protetores da selva, falou mais alto, como através dos séculos sempre falara, ainda que pagassem com sangue, o seu próprio sangue.

Em segundos, o bando de curupiras afluiu de suas copas em alvoroço feroz, saltando através das árvores com espetacular maestria. Os dois aguerridos anões, as iscas, puseram-se de volta com todo o ímpeto de suas pernas.

Nesse ínterim, no meio da floresta, partiam em desabalada carreira, uma vara de porcos selvagens. Os animais, grandes e assustadores, respondiam ao grito do curupira-mor, e vinham em seu socorro.

Em pouco tempo, o campo de batalha estava armado. Anhangüera seguiu consumindo a mata em sua ira cega, enquanto Nanbiquara saltava de um lado para outro, tentando escapar da morte. Quando o bando de curupiras chegou, não demorou mais que um instante para Nanbiquara ordenar um ataque maciço e frontal sobre o corpo manifesto de Anhangüera. Nisso, os primeiros porcos chegavam, oriundos de todos os lados, e se atiravam, cheios de valentia, no terrível combate.



Os dentes, todos, cravavam no corpo do diabo velho, mas ele se fazia duro como pedra e nenhum rasgo de dano era feito. Mas Pauetê Nanbiquara sabia, intuitivamente sabia, que havia um ponto fraco e nem mesmo Anhangüera era inatingível. Mergulhou com um baque violento contra os olhos translúcidos da besta, com coragem inimaginável, e viu então eles se partirem em mil pedaços. Foi só nesse momento que o diabo sangrou. Um sangue tão rubro quanto o deles, tão vermelho quanto suas juba ericadas; e o sol se apagou para Anhangüera. Contudo, não para Anhangüera mesmo, mas para aquele corpo amarelo que usara, que agora jazia hirto e desmaiado.

Nanbiquara urrou com selvageria, erguendo sua juba ao ponto máximo, qual imensa crista de arara, e todos os curupiras urraram em uníssono e lamberam o ar em reconhecimento ao líder. Os porcos selvagens rondavam o corpo derrotado de Anhangüera, aplicando-lhe dentadas, ainda atirando-se impetuosamente contra sua carcaça imóvel. Então, emitindo assobios, os curupiras montaram agilmente em seus lombos, sentados ao contrário, voltados para os rabos dos bichos, e seguiram novamente pela trilha principal, agora na mais feliz arruaça.

## **J a c i – O s B o t o s**

No dia seguinte Yara ainda chorava. Não só de saudade dos botos, a quem de repente amava.

Como um povo de guerreiras - que se fechara ao convívio com os homens, compondo sua própria confraria - não desejavam alianças duradouras ao copularem, queriam apenas uma noite de luxúria e prazer, além das filhas que gestassem. Os meninos destinavam às aldeias, que ficavam muito distantes, para se tornarem bravos índios Kaiapó. Yara chorava, acima de tudo, porque os curupiras estavam a caminho.

Apesar de seus esforços, Juçara não conseguira arrancar mais nenhuma palavra da boca da rainha.

Revelava a tradição, que os botos rosa habitavam as águas profundas do Solimões, sendo raramente vistos. À noite, contudo, se transfiguravam em belos e atraentes varões, que eram, além da formosura física, exímios dançarinos, natos apreciadores dos bailes, das conversas divertidas e animadas, da boa mesa e da boa bebida. Fiéis aos encontros amorosos e à arte da sedução, jamais entediavam uma mulher, porém, ao fim da noite, partiam para o rio e não mais voltavam. Na vez seguinte, lá vinham os fascinantes botos, mas com outros rostos.

Por incontáveis gerações, os botos respondiam ao chamado de Jaci, a Lua Cheia, e vinham se juntar às Amazonas e com elas acasalar. Por incontáveis gerações, os filhos dos botos enriqueceram de filhas a nação amazonense e as tribos indígenas de guerreiros. Mas agora, os botos não mais vinham e nem atendiam aos apelos incansáveis de Jaci.

Yara adormeceu exausta. Quando acordasse, invocaria Boitatá.

## **I b i – A P o n t e S e c r e t a**

A manada de porcos vinha avançando destemida pelas trilhas da floresta. Em seus lombos duros e ásperos, os curupiras vinham galopando, ainda em algazarra e desordem. A vitória sobre Anhangüera os deixara mais agitados do que de costume e a perspectiva de atravessar a ponte e entrar no vale de Jaci, terra das Amazonas, também contribuía para os ânimos excitados.

À frente de todos, o grande arara Nanbiquara liderava o bando, montado num enorme porco, de aspecto brutal. Ao seu lado, galopando em velocidade irregular, um grupo de curupiras disputavam espaço, pois somente os mais poderosos machos, possíveis sucessores de Pauetê Nanbiquara, conseguiam se manter próximos dele. Os machos que perdiam sucessivas lutas acabavam por se submeter aos últimos lugares da cadeia hierárquica, ocupando realmente as posições mais distantes do macho dominante. Além disso, havia pelo menos mais dois fatores cruciais para que o bando de machos curupiras desejasse ocupar as posições próximas do líder. Somente os machos próximos de Nanbiquara tinham alguma chance de procriar com as fêmeas de sua propriedade. E, adicionalmente, eram os últimos machos do bando, e da hierarquia, os primeiros a serem sacrificados, porém, mesmo o último dos curupiras não deixava de ser um lutador nato.

Pois a costumeira disputa prosseguia, num empurra-empurra acirrado e barulhento, quando Nanbiquara fez sinal e o bando parou abruptamente. Nanbiquara cerrou as pálpebras e escutou o que pôde. Sim, o canto da cachoeira soava. Podia ouvir ao fundo o rumor das águas. Elevou sua juba, desceu do porco num salto e começou a adentrar a mata fechada, afastando os galhos. Os curupiras logo se puseram a segui-lo em alvoroço. Depois o grande arara emitiu um silvo alto e os porcos debandaram em retirada, voltando à vida selvagem.

O clamor das águas crescia no meio da floresta e logo o som se tornava ensurdecedor, até que, finalmente, uma nuvem de água se revelou numa clareira, encimada por um impressionante arco-íris. Olhando-se para o alto, os curupiras podiam vislumbrar a poderosa cascata descendo do céu. Uma parte do fluxo d'água se precipitava num contínuo, formando um véu que se estendia liso até se chocar contras as pedras. Outra parte do fluxo d'água jamais tocava o solo, transformando-se em milhares de gotículas que formavam vaporosas nuvens ao redor da cascata. Sob o comando de Pauetê, os curupiras começaram a entrar na piscina natural, que se formava aos pés da poderosa cachoeira, e nadaram vinte braçadas até um caminho de pedras que ficava logo abaixo do véu de águas. Chegando às pedras, os curupiras iam saindo da água, cruzando o caminho, atravessando a cachoeira e desaparecendo completamente de vista.

Nanbiquara foi o último a passar, vigiando de olhos fechados, cuidando para que nenhum intruso tomasse conhecimento do que faziam. Ao cruzar a cascata, todos os curupiras o esperavam num amplo salão de rocha. Uma caverna se descortinava,

escondida atrás do véu de águas. Então Nanbiquara tomou a frente do bando novamente, enquanto as vozes dissonantes dos curupiras assomavam com redobrada intensidade no interior da caverna, somente abafadas pelo rugido estrondoso da cachoeira.

Seguindo o grande arara vermelha, o bando mergulhou na escuridão profunda da cavidade rochosa e tudo que se via dos curupiras eram seus olhos chamejantes, capazes de enxergar na mais negra das noites. A ponte estava próxima.

## **J a c i – B o i t a t á**

Yara despertou revigorada. Ainda havia uma esperança. Chamou por Juçara, que veio logo atendê-la. Precisavam invocar a Boitatá, a serpente de fogo, para que ela contasse o que sucedera aos Botos. A única forma de atrair Boitatá consistia em atear fogo a um pedaço de campo ou mato e esperar que ela viesse protegê-los. A missão era arriscada, pois talvez não houvesse tempo de explicar a Boitatá as boas intenções por trás do gesto insensato. Mas, ouvindo ela ao pedido de ajuda, não negaria socorro. Juçara foi encarregada de organizar o ritual do fogo e de invocação a Boitatá, porém Yara recomendou-lhe que não arriscasse sua vida, delegando a missão às guerreiras mais valentes.

Nesse ínterim, Yara convocou as Amazonas para uma assembléia no templo palaciano. Os fatos seriam revelados. Não tardou para que a nação de mulheres estivesse reunida. Os cochichos e palpites a respeito do que a rainhaalaria andavam a solta, alimentando boatos.

- Não vim falar de boatos, mas de botos! – proclamou Yara com ênfase.

As amazonas riram, felizes, congratulando-se pela proximidade do acasalamento. Yara lamentou ter de mudar o tom do pronunciamento e com voz sentida e séria pôs-se a narrar o trágico desaparecimento dos botos e o grande perigo de extinção a que estavam expostas. A nação, nitidamente, assumiu ares de luto, a medida em que Yara ia contando os fatos tais como eram. O pior momento foi quando Yara, se enchendo de coragem, referiu que os curupiras estavam a caminho, atendendo aos chamados de Jaci, a Lua Cheia. E que receber ao bando com receptividade era sua única chance de ao menos continuar existindo, ainda que compondo uma nova raça, nomeada de os Amacuru. Os curupiras também já não eram numerosos e os tempos de bonança vinham mingando rapidamente. Havia uma promessa boa: os Amacuru haveriam de herdar a valentia e a disposição guerreira dos machos curupiras, tão apreciada pelas mulheres amazonas; haveriam de herdar o gosto pela arte das amazonas, sua capacidade de tecer e criar o belo; e haveriam de herdar o espírito leal e franco dos curupiras.

Ao Yara findar seu pronunciamento, a nação estava transtornada. Por mais que a descrição dos Amacuru – filhos futuros de seus ventres e dos curupiras – mostrasse ser boa, as mulheres sentiam asco pelos curupiras, que em nada se comparavam aos magníficos botos.

Foi nesse instante que Boitatá irrompeu na assembléia, serpenteando com seu corpo em labaredas. Não estava furiosa. Vinha como quem traz grande responsabilidade. Yara imediatamente concedeu a palavra a Boitatá.

- Osss botossss... não exissstem maissss... – falou Boitatá num lamento.

Um rumor violento percorreu a nação de fêmeas, reduzida a uma pequena multidão. Era uma convulsão de dor e revolta que contaminava os sentimentos de todas. Boitatá explicou que os Botos haviam sido exterminados pelas hordas de corpos de Anhangüera, que o perseguira incansavelmente. E mais, Boitatá temia que o mesmo destino estava reservado aos curupiras e as Amazonas, num futuro próximo.

### **I b i – O V a l e d a s A m a z o n a s**

O rio vermelho estava à frente, um rio no âmago da caverna, borbulhando lava incandescente. A ponte pendia sobre ele. Embora não fosse um obstáculo difícil para um curupira, a travessia exigia calma e organização, duas das qualidades menos destacadas nos pés invertidos. O bando se pôs a fazer a travessia em disparada, disputando espaço no estreito vão do passadiço, provocando a queda de pelo menos dois ou três curupiras no lago fervente. Nanbiquara ordenou calma, mas quando já era tarde demais. Mal a travessia da ponte terminou e o bando arremetia energeticamente contra a rocha final, que vedava a derradeira entrada para o vale de Jaci, Terra das Amazonas. Nanbiquara precisou emitir um grito infra-sônico para que, finalmente, o bando se contivesse e trabalhasse em conjunto sob seu estrito comando. A pedra finalmente rolou e o maravilhoso vale anunciou a luz do sol.

### **J a c i – O E n c o n t r o**

Quando os curupiras chegaram, as amazonas os esperavam, com cerimônia gentil e hospitaleira, mas de modo algum dispostas a ceder aos chamados imperiosos de Jaci. Preferiam a morte, a extinção total. Boitatá, cumprida sua missão de ajuda, partira, e agora eram apenas os dois povos, de costumes e modos tão distintos, a se confrontar. Nanbiquara vinha à frente dos curupiras, liderando o bando com extrema dignidade, alçando sua juba ao máximo, dada a importância do momento. Yara também se postava à frente da nação de mulheres, belamente trajada, se sentindo absolutamente insegura de como o bando reagiria ao tomar conhecimento de suas sérias decisões.

Então, quando Nanbiquara ficou diante de Yara, esperando que a fêmea líder se pronunciasse, tudo que lhe ocorreu foi ficar muda, perturbada que estava. O grande arara empertigou o peito, exibindo o porte avantajado, o que não deixava de ser um movimento ridículo, uma vez que as amazonas eram muito mais altas e incrivelmente belas, contrastando em tudo com as criaturas grotescas que eles eram. No entanto,

paradoxalmente, havia uma beleza selvagem nos curupiras. Como certas espécies de animais da floresta, eles também portavam uma suntuosa juba, de um colorido fabuloso, e eram fortes e ágeis como poucos. Suas faces, e especialmente os olhos chamejantes, lembravam em muito a face do Jaguar, a onça. Mas Yara não tinha olhos para isso, tudo que ansiava era começar logo a falar sobre a decisão das amazonas, mas lhe faltava coragem diante dos curupiras. Num sussurro, arriscando a sorte, pediu para conversar em particular com Nanbiquara, o que provocou de imediato um violento eriçar de jubas no bando inteiro das pequenas bestas. Os olhos de Pauetê Nanbiquara brilharam intensamente, acedendo ao convite com um sinal de aprovação. Assim, Nanbiquara e Yara se afastaram de todos e foram ter conversa numa sala do palácio. Mas antes que Nanbiquara deixasse seu bando a sós, ditou uma ordem infra-sônica, deixando claro que nenhum desrespeito seria perdoado, que eles deveriam esperar sem sair do lugar.

Na sala do palácio, Yara andava de um lado para o outro, nervosa, enquanto Pauetê a consumia de desejo com seus olhos de fera. Cansado de esperar, ele tentou chegar perto de Yara, mas ela o repeliu imediatamente, tomada de pânico. Então, o grande arara percebeu o que era evidente. Ela não o queria! Não o queria! Pauetê fechou os olhos e captou o asco de Yara. Asco! Ela sentia asco! Como podia sentir repugnância? Nanbiquara foi invadido por um amargo desapontamento. A soberba crista de sua juba murchou rapidamente e os olhos assumiram um tom escuro nunca antes visto. Derrotado e magoado, ele se sentou num banco, cabisbaixo, e apoiando a cabeça entre as mãos, chorou.

Nanbiquara podia enfrentar o maligno Anhangüera, podia ver os seus se perderem no rio de lava, podia percorrer milhas de distância e sentir os pés feridos de cansaço, mas não podia lutar contra o canto de Jaci e muito menos se ver rejeitado pela fêmea mais desejável que já vira. Se chorava em silêncio era porque ainda lhe restava coragem para isso, coragem para se expor na dor e na derrota. Era o choro de um bravo que ousava amar, ainda que tal amor fosse como o dos animais brutos.

Não sabendo o que fazer, mas impressionada pela manifestação dos sentimentos de Nanbiquara, Yara buscou se aproximar dele.

- Porque choras Rei dos Curupiras? – indagou ela, suavemente.

Seria esperar demais que o líder dos curupiras confessasse suas dores à fêmea, mas ele a tocou no braço e fez fluir sua consciência através de Yara, de modo que sem mais palavras ela pôde saber o que ele sentia e conhecia. Foi então que Yara, lábios doces, enternecida pela infeliz sorte de seu povo e dos curupiras, acariciou a juba vermelha de Nanbiquara, movida por intensa compaixão, e beijou sua fronte. Nesse instante a noite já principiava e o canto belíssimo de Jaci começou a soar. Yara, por obra de Jaci, se viu transportada pela Lua Cheia para o alto do pico Apoena.

Por um momento Yara sentiu frio e medo. Estava colada rente à parede da assustadora senda vertical. Seu corpo esguio e harmonioso, a um só tempo forte e delicado, começou a elevar-se através das rochas com graça e beleza. Pauetê Nanbiquara, o Curupira-Rei, a seguia. Ele sentia sua grande excitação aumentar à medida que se aproximava mais e mais da fêmea. Yara alcançou o pico do monte e num instante sumiu



da vista de Nanbiquara. Ele continuou escalando, ansioso, com cuidado redobrado, empregando ao máximo a precisão de sua densa massa de músculos.

O curupira se aproximava lentamente da magnífica guerreira. Ele venceria o paredão com extrema agilidade, se assim o quisesse, mas conhecedor do temperamento arisco das Amazonas, vigiava para que nenhum grão de pedra o impedisse de alcançá-la. Havia um só objetivo ardendo em sua mente: Procriar! Procriar com Yara, a Rainha!

Yara, chegando ao pico, inspirou profundamente e abriu os braços, expandindo sua consciência, deixando-se invadir por um maravilhoso sentimento oceânico, de à natureza pertencer e dela fazer parte. Quando Nanbiquara apontou na laje de pedra, ela ainda estava de olhos fechados, mas antes que ele pudesse tocá-la, descerrou as pálpebras lentamente e não ofereceu resistência alguma.

- Pauetê... – chamou Yara, voz lânguida.

O Rei dos curupiras estava surpreso, como poucas vezes estivera na vida, mas não levou mais do que alguns instantes para voltar a si e iniciar o rito amoroso em toda a sua plenitude. O amor de um Curupira e de uma Amazona desabrochava no alto do Apoena, sob a benção de Jaci.

Se Pauetê Nanbiquara era fogo e sede, Yara era fonte e desejo. E o pequeno Curupira em tudo satisfaz à graciosa Yara. E Yara em tudo soube agradá-lo. Nada faltou.

## **I b i & J a c i – A E s p e r a**

O bando de curupiras já dava sinais de franca rebeldia. A demora do retorno do líder anunciava o nascimento de um novo Rei, que se insurgia, ameaçando os mais fracos e vencendo os oponentes. Porém, quando Nanbiquara voltou acompanhado de Yara, todos souberam o que havia acontecido entre os dois e os ânimos rebeldes sossegaram. O curupira-Rei não era mais o mesmo. De olhar transcendente, era agora Senhor de uma sabedoria ancestral ainda mais influente, e Yara, da mesma forma, não era mais a mesma mulher. Senhora de um olhar radiante e de uma compreensão além das fronteiras; sorria em paz. Embora ainda fossem um par destoante, ele fera e intuição selvagem, ela elegância e doçura, uma nova nação estava a caminho e o filho da junção de Ibi e Jaci nasceria. Uma nação unificada! Nove meses de espera para o surgimento do primeiro rebento de uma nova raça, um novo povo para semear e se multiplicar: os Amacuru!

Tendo a Rainha cedido ao canto de Jaci e tendo se permitido amar a Pauetê Nanbiquara, o Rei dos curupiras, não foi difícil de outras Amazonas experimentarem o amor. A união dos opostos não foi em vão, e o amadurecimento e a concórdia floresceram no vale oculto. Os ventres fecundos aninhavam os rebentos e a nação aguardava com grande expectativa os primeiros nascimentos, como sementes renovadas de um povo quase extinto. Anhangüera ainda rondava, aterrorizando e procurando a quem destruir, mas

agora havia mais pelo que esperar.

MARTA ROLIM



## O Rio Ímpar

Sara bebia do livro sagrado para depurar-se por dentro e sentir-se perfeita, quase, quase perfeita. Ela dava a mão aos estranhos e os tomava por irmãos, cheia de zelo e fraternidade. Mas dentro de casa, na intimidade do lar, não suportava a filha. A que tomara outro rumo na vida, um sem fé nas palavras. Não suportava a irmã. A que não cria no além, um de privilégios. Assim, quando Sara se aproximava da filha ou da irmã corria um rio de ira, inveja e disputa entre elas, cuidadosamente oculto nos subterrâneos da terra. Um rio caudaloso e dissimulado, mergulhando e rompendo os laços sangüíneos, tornando a correnteza vermelha e as margens de encontro cobertas de areia coalhada. Apesar disso, se amavam, um amor filho da lua, oscilante, cheio de fases: minguante, crescente... minguante...

A filha revoltava-se. Uma revolta de quem não está acima da dor. Provocava a diferença, cutucava a intolerância, só para ver o rio rubro emergir, o oculto. Só para mostrar o quanto as palavras santas afundavam nas águas e se afogavam em pecados capitais. Avareza, vaidade, cólera, cobiça... a avareza das almas, cruéis, sempre se postando em pedestais, sempre se salvando dentre os outros, se enchendo de luz e mergulhando os semelhantes na escuridão, se querendo cheias de amor e fazendo os próximos vazios e sem valor. Queria falar das semelhanças. Somos todos humanos, mãe! Queria gritar a igualdade para depois chorar mansamente a derrota perante os livros e os rios.

A irmã olhava para Sara e falava de sexo molhado e sedento, de outros pênis, de outros peitos e pêlos, de vozes roucas de homens diferentes. E ficava olhando a incompreensão nos olhos dela e o poder ilusório das palavras e dos conceitos. Irmã... pênis, irmã, pênis grande. E bastava, Sara via um animal a sua frente, uma criatura primeva habitando uma dimensão inferior, estendendo uma pata em sua direção, uma língua pegajosa e lasciva. O horror estampado na face íntima de Sara e o rio tumultuado emergindo furiosamente, volume d'água sobre volume d'água. As duas irmãs só com os olhos de fora, largando as mãos para sempre e perdendo-se na correnteza vermelha. Sim, somos todos humanos, irmã. Mas não havia tempo e nem amor suficiente...

E no dia seguinte Sara ia ao templo, unguida, derramar palavras boas, tocar nos estranhos com ardor amoroso, proferir palavras divinas. E não havia quem não a louvasse. O sorriso bonito, os olhos brilhantes, a devoção, a graça, a gentileza, a bondade, a sabedoria... e a perfeição que tanto necessitava roçava o céu. E a aprovação que tanto ansiava escorria sobre sua cabeça, pingando dos cabelos gota à gota. Mas

quando ela chegava em casa, havia um rio esperando, um rio emergindo das entranhas, um rio que separava e glorificava as diferenças, um rio vermelho de margens coalhadas de sangue. E naquele dia pode-se ver: sobre as areias manchadas, trazidos pela maré, jaziam dois corpos: um era o da filha e o outro era o da irmã. Bocas escancaradas e rijas e as palavras mortas sendo engolidas por um redemoinho no meio das águas.

O rio fatal... mas aquele rio não tinha fim e as pessoas ressuscitavam. Os afogados voltavam à vida quando as marés acalmavam. E de novo podia-se amar e a lua de repente estava cheia e serena. Um sorriso brotava dos olhos. A filha era beijada, a irmã abraçada. Primavera terna. Mas isso só até o rio brindar novamente à diferença - desigualdade nefasta, desigualdade que afasta - e Sara soprar ao vento... somos diferentes... somos difereeenntees... e os corpos da filha e da irmã amanheciam hirtos na praia.

MARTA ROLIM

## Transcendência

O som pausado da enxada (tam... tam... tam...) ecoava alto na Caatinga. Eu gostava daquele som seco e ritmado, parecia testemunhar e aprovar o meu esforço. Parecia confirmar a solidez do mundo.

Enquanto o sol das três horas cozia minhas costas e derretia minha cabeça em levas de suor, era bom lembrar que o mundo tinha limites sólidos, pois no calor do sertão tudo era miragem àquela hora. O que se via e o que não se via dependia mais da imaginação do que da terra seca que sustentava nossos pés. Vacilantes pés.

Fiquei feliz quando vi Cícero despontar detrás de uns arbustos, com sua roupa de couro rústico, que protegia dos lanhos dos espinhos, abundantes na região, estado do Ceará, nordeste do Brasil. Ele descansava o seu turno à sombra de uma grande pedra e agora vinha me fazer companhia, empunhando sua enxada, fazendo-a cantar ao lado da minha (tam-tam... tam-tam... tam-tam!).

Lembro de ter ficado satisfeito com nosso trabalho, apesar de que nada de útil fazíamos. Era um cavar sem fim naquela terra poeirenta e algo morta. Claro, se houvesse água ali – e às vezes havia, muito raramente – as frutas do paraíso nasceriam: grandes, suculentas e doces como mel. Frutas do paraíso. O meu suor pingava no chão (tam-tam... tam-tam... tam-tam...).

Não era difícil imaginar meu suor envolvendo uma semente inerte e despertando nela a vida. Talvez lindas e perfumadas mangas frutificassem. Sim (olhei para o céu azul), talvez chovesse mais tarde e a árvore despontasse vigorosa, rompendo o solo de tijolo, alçando raízes profundas que iriam beber fartamente em algum esquecido rio subterrâneo.

- O que foi Raimundo? – irrompeu Cícero, cortando meus pensamentos.

Eu havia parado de cavar. Tinha me perdido em devaneios outra vez. Era o sol. Assim ia acabar perdendo o emprego, ia sim. O governo nos pagava para cavar quando a seca castigava sem piedade o sertão. Cavávamos açudes para reter a água da chuva, mas todos sabiam que os açudes ficariam secos, como sempre, e a chuva que viesse não deixaria uma gota, que fosse, para contar história. Na verdade cavávamos com nossa

própria esperança. Sempre se tinha esperança de que a terra revelasse uma vida nova. Ah, se eu achasse ouro! O ouro do velho Manoel Tobias!

Os mais amargos diziam que cavávamos sepulturas.

- Não é nada não, Cícero, só estou meio tonto da cabeça! (Tam!...Tam!..Tam!...)

Desci a enxada com mais vigor, açoitando aquela terra ingrata, que me negava seus frutos doces.

Cícero era um homem forte, apesar de seus parcos quilos. Seguia cavando firme como um jegue. Antes que eu me perdesse de novo em vertigens, me apontou umas covas rasas e redondas, que se estendiam aqui e acolá na planície de barro trincado.

- Ali tu não caves que é pisada de dinossauro.

Fui ver de perto as tais pegadas. Então era isso. Não passavam de marcas mal definidas. Aquela terra esgotada fora morada dos gigantes? Sim, houvera muita água, muita água. Ali estava o rastro das bestas. Terão bebido toda a água e comido todos os frutos?

“Não, claro que não!” – Teria dito compadre Cícero, dando uma risadinha debochada e esquisita. Mas eu é que não duvidava de nada, pois aquela terra era cheia de mistérios. Bem que a praga dos dinossauros podia ter morrido de tanto beber água, não deixando nada para nós. As patas enfiadas na lama. Doidice, que fosse! Os sábios que viessem fazer seus cálculos de matemática naquele sertão espinhoso e saíssem de lá cheios de certezas (tam-tam... tam-tam!..).

Continuei a cavar na área autorizada, desviando dos dinossauros.

Agora havia um perfume no ar, uma aragem de flor. O português Manoel Tobias bem podia estar por ali, em algum lugar. Lembrava bem de sua mansão no vilarejo e de sua fama de sovina. Lembrava daquele cheiro de flor.

Foi em 1987. O velho Manoel, nosso compatriota, havia saído de casa – coisa que raramente fazia – e foi à cidade. Voltou na boléia de um caminhão lotado de mercadorias. Trouxe todos os eletrodomésticos que se possa imaginar, inclusive três televisões e dois computadores, além de uma impressora de última geração. Uma parafernália moderna naquele fim de mundo.

Depois, passados poucos dias, mandou chamar a mim, a Cícero e mais alguns peões.

Queria que a gente fizesse uma cova pra ele.

Mas não era cova de morte, era cova de açude. Pelo menos achei que era, visto o tamanho da obra. Explicou que o emprego era nosso, que pagava bem, mas que tinha uma exigência a fazer: todo mundo de olho selado.

Se o cabra fosse pego espiando a redondeza, ia pagar com a vida. O trato era esse. As espingardas de cano duplo do velho Tobias, penduradas na parede da sala, não deixavam dúvida. Um carro ia nos pegar em frente à casa do português e nós embarcaríamos de olhos vendados. “Todo o trabalho é de olho fechado” – repetiu o velho.

Pagou bem, muito bem. Nunca ganhei tanto dinheiro! (tam!... tam!...)

Parei, descansei a enxada. Parei pra limpar o suor do rosto, pra erguer um pouco a vista, buscando o horizonte. Cícero também sossegou e virou o rosto, inteiramente afogado, na minha direção. Os olhos vermelhos de terra ardida.

- Ufa! Tá na hora da água, que aqui ninguém é camelo! – exclamou o bom e sedento Cícero.

- Com certeza, mais um pouco e nós viramos farinha de mandioca.

Cícero sorriu com seus lábios rachados, tão rachados quanto o barro cozido de sol. Lábios de charque.

Tomamos água salobra e morna (quase vomitei). Melhor do que nada. Perguntei a Cícero se lembrava no velho Manoel Tobias.

- Não reconheces esse cheiro? – indaguei

Compadre Cícero fungou o ar.

Não, não lembrava de cheiro nenhum ou preferia não lembrar.

Voltamos ao trabalho reanimados. O açude crescia. Elevando as enxadas até o alto de nossas cabeças e as deitando fulminantes sobre o solo, prosseguíamos na labuta. Agora não faltava muito para o turno acabar (tcham-tam... tcham-tam... tcham-tam...). O baile das enxadas ainda duraria quase uma hora.

Súbito, notei. O “canto” de minha enxada mudara para um baque amortecido. Cícero não tomou conhecimento ou pareceu não tomar. O velho Tobias...

O velho Manoel Tobias nos trouxera de Portugal ainda meninos, para trabalhar em sua residência "como filhos". Queria mordomos e criados que apreciassem, que soubessem o valor de um vinho do Porto e de um legítimo bacalhau. Apesar de tudo, uma coisa lhe agradeço: ensinou-me a ler e a escrever! Se não bastasse, me ensinou a ter gosto pelos livros; me mostrou o mundo, as invenções dos homens. Mas nessa terra, terra em que fiz família e finquei raízes, palavra bonita e verbo caprichado nunca puseram comida na mesa. Os cabras me tomam por muito inteligente e sabido, mas sou o mais estúpido de todos porque tenho as palavras, mas não tenho o rumo.

Por mero divertimento, Manoel Tobias nos batizou com nomes brasileiros. Tinha oferecido recompensa aos nossos mercenários pais, ótimo salário em Lisboa, bela moradia paga, garantida.

Esquisitices de um rico.

Mas isso foi antes de ele perder a mulher num desastre no mar. Acabou demitindo a nós, os cinco infantes compatriotas, nos deixando com pouco mais que nada. Endoideceu. Trancou-se em casa e ninguém soube dele até o dia em que apareceu com os eletrodomésticos.

Depois, o contrato. Cavar de olhos fechados. E no dia da escavação, o cheiro das flores. O mesmo cheiro que sentia agora atravessando as narinas. Um cheiro silvestre bom, misto de essência de jasmim com um toque acre de alfazema. Algo assim.

Havíamos cavado com afinco. E ninguém se atreveu a espiar; só seguíamos ordens: “Seu Raimundo, cave mais para a direita e deposite a terra logo em frente”.

“Sim senhor!” – Obedecia.

Fomos e voltamos à zona da cova uma dúzia de vezes. Doze dias de trabalho duro. No final o buraco devia ter uns 10 metros de fundura. O guia, o homem de confiança de Manoel Tobias, seguia orientando a obra. A escavação só não progredia muito porque o homem mandava parar toda hora, cada vez que um ovo de dinossauro brotava da terra. O ovo, como o chamávamos, era uma pedra redonda e lisa; dentro dele havia um bicho morto, um relevo qualquer, geralmente de um esconjurado peixe (os malditos lagartos beberam toda a água). Este homem, o guia, via tudo, trabalhava sem venda, apitando o serviço. Quem era mesmo, eu nunca soube.

Cavamos lá no meio do sertão, bem no meio da Caatinga. Eu não vi o lugar. Não vi, mas senti (há outras maneiras de ver seu Tobias, há outras maneiras...).

Cavamos e cavamos. Talvez justo onde nossas enxadas batiam agora, rasgando a terra.

Tcham-tam!.. Tcham-tam!.. Tcham-tam!..

Terminamos a obra e recebemos o pagamento prometido. O velho nos disse que provavelmente haveria mais trabalho dali um tempo. Pediu que eu, Cícero e os demais cabras fôssemos discretos e não alardeássemos o trabalho e o valor do pagamento. Se ele soubesse de algum falatório nesse sentido, cancelaria a obra na cidade e procuraria outro lugar, onde daria emprego a quem soubesse trabalhar com discrição e honestidade.

Não precisou falar outra vez. Quem haveria de afrontar a espingarda e ainda jogar fora uma chance de ganho igual aquela? Fechamos nossos olhos e bocas.

Descobri o que se passava quando Manoel Tobias voltou a nos chamar. Desta vez a venda não ficou bem amarrada. Não vi por gosto, não tinha intenção alguma. No coração do sertão (nem tão longe assim, nem tão perto), o velho construía um tipo de caverna, profundamente entranhada no solo. A nossa parte do serviço fora apenas uma pequena etapa inicial da obra. Ele estava usando turmas de operários, cada uma concluída só uma etapa da construção, de modo que nenhuma turma de homens tivesse noção completa do serviço. Cada turma cumpria uma tarefa e depois outra turma dava prosseguimento até concluir uma segunda ou terceira etapa, e assim por diante.

A caverna era como imensa casa, mas só pude entrar em três cômodos. Em um, belamente decorado, havia os eletrodomésticos, uma infinidade de aparelhos. Muitos dispostos em requintados armários – mais pareciam redomas de vidro - que revestiam inteiramente as paredes. Os aparelhos maiores estavam assentados em balcões sob medida, como se balcões de cozinha. Tudo muito bem acondicionado, do abridor automático de latas à máquina de lavar.

Havia luz elétrica na caverna e ouvi o guia comentar algo como “movido à energia solar”.

Tive medo do que via. Talvez aquela casamata de luxo fosse um abrigo de guerra. Talvez o velho Manuel estivesse envolvido com segredos do governo, sabe-se lá. O pior é que, de quando em quando, o guia vinha verificar se as amarras nos olhos estavam bem firmes.

A minha estava frouxa (Não desvie da pedra. Não esqueça de fingir cegueeeeeiiiiira).

Enquanto procurava Cícero, vi o segundo cômodo: um tipo de laboratório. Havia um tanque translúcido cheio de água, mas tinha um cheiro enjoado. E uma cama de enfermaria, algumas máquinas estranhas.

Ainda tive tempo de ver um terceiro cômodo – antes de suplicar a Cícero que me apertasse o pano nos olhos, que o guia já vinha fazer a inspeção - uma biblioteca! Tão grande que não vi seu final. Não imaginava como aquela livraria toda havia chegado ali, mas o certo é que, assim como os eletrodomésticos, também os livros estavam cuidadosamente organizados e acondicionados. Tudo na caverna planejado nos mínimos detalhes.

Então encontrei Cícero (bata com o dedão na peedra) e ele prontamente me velou os olhos.

Suspirei. Enfim, cego.

Mentalmente comecei a repassar o que vira, enquanto carregava caixas e utensílios na escuridão, não sem tropeçar de quando em quando, seguindo a trilha ladeada de cordas, que o guia instalara para que não nos perdêssemos no caminho de leva-traz.

Era uma fortaleza, sem dúvida. Uma casamata que resistiria aos séculos. A construção



era de pedra, blocos maciços, e internamente revestida com camadas protetoras. Inexpugnável e majestosa construção. Também o solo seco e o clima de deserto em tudo contribuíam para que a caverna fosse um abrigo e tanto. Ademais, com todo o conforto que havia lá dentro, inclusive o capricho na decoração, não haveria de ser ruim morar na caverna por algum tempo, em caso de necessidade. E isso que eu não conhecera nem uma quarta parte dela.

]\*\*\*

Parei de cavar um pouco e limpei a testa molhada com o braço. Minhas mãos estavam doendo, bolhas estouravam, e o sal do suor as fazia arder como chagas. Cícero continuava ao meu lado (tam... tam... tam!), indiferente ao calor, empunhando valentemente a enxada num ritmo constante.

A trilha dos dinossauros ainda estava lá (cova após cova), apontando a direção que haviam seguido dezenas de milhões de anos antes.

Naquele tempo havia água fresca e frutos do paraíso. Havia sim. Pensei em ir até lá, até as bestas, e destruir todas aquelas pegadas moldadas no barro esturricado. É, talvez eu devesse fazer isso mesmo. Afinal, porque aquelas sombras mortas mereciam mais respeito que meus pés descalços? Ainda corre sangue vivo em minhas veias, ainda!

- Vai ficar muito tempo no ócio, Raimundo?

Ignorei a voz intrusa de Cícero e olhei para a posição do sol. Havia passado apenas uns 15 minutos desde a hora da água salobra e ainda precisava fazer a enxada gemer por mais de meia hora. Inspirei profundamente. O perfume de azaléia e traços de alfazema ainda rondava.

Mal pus minha enxada para funcionar e ela gritou um “béim!” agudo ao tocar o chão. Metal contra metal.

- Raimundo do céu, acho que você encontrou algo!

Finalmente os ouvidos do bom Cícero despertavam. Mas agora eu é que não estava disposto à conversa fiada.

- Nada, não, uma pedra! – respondi, fingindo juntar um pedregulho do chão.

Cícero me olhou por um instante, desconfiado, mas logo virou a cara murcha pro outro lado e seguiu a ouvir a ladainha incansável de sua enxada.

Tomei mais cuidado. Minha enxada ultrapassara uma camada macia de um composto marrom e agora atingia o que parecia ser uma superfície metálica. Estávamos numa planície, mas uma falsa planície. Cavávamos num grande buraco plano (nem tão grande

assim) – o leito do suposto açude – a uns seis metros de fundura. Era bem possível que naquele sertão, no fundo daquele açude natimorto, a fortaleza bizarra do velho Tobias estivesse plantada. Era bem possível que estivesse logo abaixo de meus pés. Depois eu cavaria com vontade ali, por hora não.

Foi na terceira empreitada que descobri o mistério, pelo menos acho que descobri. Nossa turma estava trabalhando novamente para Manoel Tobias. De olhos bem selados.

O abrigo estava praticamente pronto. Eu podia perceber isso pela lisura aveludada que revestia as paredes e deslizava suavemente por meus dedos; pelo tapete macio no qual pisávamos; pelo silêncio. Não havia mais o barulho de gente trabalhando com pás, o burburinho das conversas dos homens, e nem ruído de alguma máquina pesada resfolegando. Não. Apenas silêncio e maciez.

Alguma coisa acontecia na fortaleza sedosa e isso me dava nos nervos.

Deliberadamente busquei afrouxar a venda.

Deliberadamente.

E o que vi nunca vou esquecer. O guia me conduziu até um cômodo, o que parecia ser laboratório. Mandou-me esperar sentado numa banquetta. Disse que iria precisar de minha ajuda. Eu enxergava, baixando os olhos, a cintura, as calças cinzas e os sapatos lustrosos do guia. Devia ser doutor, pensei.

Esperei um pouco e ele voltou empurrando uma maca. Sobre ela havia um volume. Um volume longo coberto por um lençol (talvez um corpo, comprido como um corpo). O guia, a quem agora eu chamava de "o doutor", sacou o lençol de uma só vez com um gesto seco e rápido, e tive que conter um grito.

O velho Tobias estava morto.

Não, não estava morto, pior do que isso, ele ainda respirava.

- Tire a venda, senhor Raimundo! - ordenou o doutor.

Estremeci. Hesitei por alguns instantes, mas era evidente que minha reação à visão do corpo tinha me traído.

Tirei a venda lentamente.

Ali estava o velho Tobias. Nu, pálido e gelado, com todo o aspecto próprio de defunto novo, mas a respiração, por mínima que fosse, ainda oscilava no peito.

Ergui os olhos devagar até alcançar o rosto do doutor. Ele me encarava.

- O senhor deveria estar de olhos bem fechados, senhor Raimundo Junqueira. O contrato...

Fiquei quieto, absolutamente quieto. Poderia ter inventado desculpas, poderia ter dito alguma coisa (mas o senhor mandou eu tirar a venda), me fazer de bobo. Apesar de tudo, fiquei quieto.

Talvez isso tenha me salvado.

O doutor continuava me encarando, esperando uma ladainha esfarrapada. Sustentei seu olhar, ainda que piscando uma dúzia de vezes. Era como garantir, com meu silêncio, que ainda me restava alguma dignidade.

- Câncer! - exclamou o doutor.

- O quê?

- Câncer, ele está tomado de câncer.

- Quem? - indaguei incrédulo.

O homem apontou para o corpo inerte de Manoel Tobias. Depois passou a me explicar - como se me devesse uma explicação - que tentava ajudar ao velho Tobias (claro doutor, a cura; sim a cura tem de existir enterrada em algum lugar - tam!... tam!...tam!).

\*\*\*

Parei de cavar. Segurei a enxada e fiz dela uma muleta improvisada (um pouco de descanso, por favor). Consultei o sol. Mais dez minutos de tortura, somente mais dez ou doze minutos. Nessa altura do dia ninguém mais trabalhava de verdade, era só vadiação. Os braços se negavam, as mãos amoleciam.

Pior é que pretendia voltar à noite e ver que "béim" era aquele que a enxada gritara (podia ser ouro. Metal contra metal).

Talvez o compatriota tivesse me deixado um polpudo patrimônio. Presente bem merecido, já que me roubara a infância.

- Não sou médico! - dissera o doutor subitamente.

Não era médico. Era isso mesmo que afirmara. O que fazia, então, com o morrente nu?

Lembrava bem do sucedido. Queria que o ajudasse a erguer o moribundo Tobias e, com cuidado, com muito cuidado, colocá-lo no tanque cheio de formol (o velho vai se afogar!).

Era isso. Tobias não ia sentir nada, já estava morto; morte cerebral. Morte cerebral. O doutor explicava, o doutor que não era doutor, mas que para mim continuava sendo o doutor.

Pensei que se não o ajudasse podia ser ruim para mim (quem mandou espiar, Raimundinho? Sabia que a curiosidade mata?). Aquela gente podia ser perigosa, comprava, mandava e desmandava (claro, doutor, pois não. Sim, um peixinho no aquário; sim, ele sabe nadar... não, não vai afundar como um ovo de dinossauro).

O doutor sorriu para mim, um sorriso compadecido. Mandou que eu sentasse na banquetta, que tinha que fazer uns procedimentos antes. Auscultou o coração de Manoel Tobias. Depois desinfetou o pênis do velho e toda a redondeza genital (se já está morto, pra que desinfetar, doutor?).

Pegou uma lâmina e fez um corte preciso no escroto. Manoel nem se mexeu. São espermatozoides, explicara (Es-per-ma-to-zói-des). Recolheu o que havia para recolher e pôs os tais numa geringonça. Antes os examinou brevemente num microscópio. Em seguida manipulou mais umas químicas, já habituado que estava com aquela alquimia científica.

O doutor fazia tudo com muito cuidado, verdadeiro zelo (tam... tam...).

De repente começou a falar. Era muito amigo de Manoel Tobias. O amava. Na verdade estava realizando o seu último desejo.

Com um gesto ele apontou os pés do morto (ainda está vivo, doutor!), enquanto fazia menção de segurá-lo pelos ombros. Entendi perfeitamente a ordem, mas simplesmente não pude me mover.

- Vamos! - ameaçou o doutor.

Aparentemente rompi a paralisia que me tomava e me vi segurando os pés de Manuel Tobias e ajudando a erguê-lo no ar. Só percebi o que havia feito quando o velho afundou no tanque cristalino. Imediatamente quis salvá-lo. Quis trazê-lo à tona e sustentar sua cabeça para que respirasse (sim, respire!), mas o doutor me segurou com mãos de ferro e nada pude contra ele. Então, Manoel Tobias exalou bolinhas e inspirou. Pareceu tentar inspirar uma segunda vez. Um ínfimo agito percorreu o fluido, enquanto pequeninas bolinhas escapavam de seu nariz migrando para a superfície como náufragas.

Apenas um músculo parando seu serviço (tam... ta...t...).

O doutor começou a chorar.

Desabou num choro carregado de emoção. Suas mãos, antes firmes como alicates, agora jaziam trêmulas e frouxas. Ajudei-o a sentar-se na banquetta, enquanto eu mesmo

chorava algumas lágrimas doídas. É difícil de explicar, mas súbito compreendia o homem. Aquele choro estremecido. O velho Tobias afogado no tanque. As bolinhas subindo. O último desejo. Um amigo fiel até as tripas.

- Obrigado... - ele murmurara.

Foi então que o bom doutor, acalmando-se, terminou de me contar tudo.

O velho Tobias, sabendo da proximidade de sua morte, mandara construir aquela casa-caverna. O doutor perguntou o que eu achava que era aquilo. Pensei um pouco e respondi que talvez fosse a casa de seus sonhos.

- Sim, a casa de seus sonhos eternos.

Era seu mausoléu. Mas, mais do que isso, era sua herança para a humanidade. Como o grande Getúlio Vargas, Manoel Tobias queria sair do mundo para entrar na História.

Queria ser como os antigos reis do Egito, que haviam construído seus mausoléus, guardando neles toda sorte de objetos, registros escritos, obras de arte e riqueza, além de seus próprios corpos conservados. Manoel Tobias ansiava fazer o mesmo.

Mas não podia fazer sozinho...

Foi assim que o doutor (ele não me disse seu nome), por amor e respeito ao velho, concordou em ajudá-lo.

Mil Livros, eletrodomésticos, obras de arte, ovos de dinossauro, ouro, jóias, esperma liofilizado (li-o-fi-li-za-do) e o corpo eterno de Manoel Tobias. Cada item meticulosamente acondicionado nas melhores condições possíveis. Manoel chegara ao cúmulo de ingerir certas drogas, ainda em vida (estava vivo agora a pouco, não estava?), para assegurar que seu corpo não se deteriorasse.

O doutor suspirava. Havia cumprido a parte mais difícil de sua missão. Agora era só selar as portas e enterrar o mausoléu. Ninguém deveria sequer imaginar onde ele, o dito mausoléu, estaria. Aquilo tudo era para o futuro, dali a milhares de anos, quem sabe mais.

O velho era esperto. Sabia que os eletrodomésticos provavelmente se estragariam, apesar dos extremos cuidados tomados; sabia que os livros poderiam se desmanchar; que seu corpo poderia, enfim, ceder ao destino comum dos mortais, contudo, os elementos que sobrassem seriam seu valioso legado.

Teria sua própria tumba. E teve.

\* \* \*

Vislumbrei um ovo na terra e comecei a desentocá-lo pacientemente. Cícero já havia parado de trabalhar, o expediente terminara. Mas de repente aquele ovo parecia querer me dizer algo e fui tirá-lo da terra com a força que me restava (tam... tam... tam...).

Saquei o ovo de seu ninho das eras e o trouxe ao presente. Uma rocha de formato oblongo. Bati no topo da pedra com a lâmina da enxada e a pedra se fendeu em duas metades. E ali estava uma criaturinha curiosa, retorcida. Agachei-me para examiná-la melhor.

Um pequeno e precioso dinossauro adormecido (tomaram toda a água e comeram todos os frutos?).

Sim, era esse o momento que Manoel Tobias desejara. Ele queria ser como os ovos nas mãos de um futuro benevolente. Queria ser um ninho inteiro deles; queria ser as pegadas, os ovos e os dentes dos dinossauros (será o tempo misericordioso, meu Deus?).

Queria mais. Queria ser o faraó, o rei adormecido com seus tesouros. O melhor de si na morte. A ficha médica completa preservada ao lado do tanque. Os fios de cabelo prateado no saquinho plástico. A biografia manuscrita, guardada na biblioteca, ao lado dos mais renomados autores. As digitais carimbadas nos papéis alvos. Fotografias de todos os ângulos e a foto da que bem amara...

O futuro saberia seu nome. (será assim, Senhor, será?)

- Óh Raimundo, o sol queimou teus miolos? - exclamou Cícero.

Levantei-me do chão; o bichinho antigo, cheio de dentes e retorcido, dormia aos meus pés (sim, queimou meus miolos, queimou pra valer!). O perfume de jasmim e azaléia ainda rondando as narinas.

- Não sentes o cheiro gostoso de flor? - perguntei.

Não, ele não sentia, ou não queria sentir.

O doutor mandara que eu vendasse os olhos de novo. Desta vez como amigo. Não nos esqueceríamos um do outro, sabíamos disso. Coloquei a venda de bom grado. Não queria mais ver, não queria mesmo. Não queria saber onde estava o túmulo de Manoel Tobias. Em que lugar do sertão sua casa estaria entranhada.

Pus o pano bem apertado. Depois fui conduzido para o vilarejo num jipe (como dava voltas e sacudia!), junto com mais dois cabras.

Nunca mais soube de nada, da caverna ou do doutor.

Só sei que a obra foi concluída. O serviço acabara. Manoel Tobias descansava em paz (aprisionado em sua própria arapuca).

\* \* \*

Depois da janta, depois de por os pés para cima e dormir um pouco, dei um beijo na mulher e voltei ao fundo do açude, um poço de escuridão. Uma boa vela, plantada no interior de uma lata, deu a luz necessária à empreitada. A enxada amiga como companheira.

As mãos doíam mais do que nunca, porém o sino tocava. O "béim-béim!" latejante; aquele grito agudo que a enxada dera me chamava (o ouro, o ouro!).

Fui cavar no meio da escuridão.

Aquele ponto amarelo de luz trêmula me denunciando e guiando nas trevas (o açude natimorto). Achei o lugar de cavar. O cheiro de flor não existia mais. A lua cheia protegia os miolos que o sol havia calcinado.

Apaguei a vela (fugindo dos dinossauros) e pus-me a desenterrar as camadas (béim! béim! béim!).

Uma chapa metálica ia emergindo do solo. Metal contra metal. A lâmina da enxada riscando o aço (perdão Manoel Tobias, perdão!). E o jipe foi sendo despido de terra.

O jipe. O doutor enterrara o jipe, o porque eu não sabia. Suspirei de alívio. Melhor assim, que o mausoléu ficasse em segredo. Devia estar mais abaixo, em algum lugar dentro da amplidão do buraco.

O fato é que voltei para casa feliz e resolvido.

No dia seguinte deu-se a coisa mais estranha, não sei se boa ou má. Não teve trabalho, a chuva caía a cântaros. Um verdadeiro milagre.

O açude enchia d`água e um grande lago se formava. Cícero e os cabras tomavam banho entoando Salmos; os dinossauros se afogavam e os peixes secos no seio das rochas sentiam de novo o gosto da vida.



## Via Aqua

*"Via Aqua: a primeira vez"*

O rio ficara para trás, perdido na mata. O pequeno Cristo atravessou a senda estreita que conduzia ao jardim — ocultada por um espesso véu de teias de aranha - e logo deparou-se com a serpente, a guardiã: os três chifres ancestrais da víbora despontavam no alto de sua cabeça triangular, apontando diretamente para o rosto do menino. Ela o mirava imóvel, com seus olhos riscados, quieta, quase invisível entre as folhas secas, mas o menino Jesus podia ver a ponta curva de seu rabo, que ostentava um poderoso espinho negro. Um espinho mortífero suspenso no ar. Rabo de escorpião — pensou o pequeno, assustando-se - uma víbora com rabo de escorpião!

A serpente estava parada em seu lugar de costume, sonolenta e desinteressada — embora sempre de olhos abertos — quando viu o véu romper-se em chispas e um magnífico rapazinho saltar da escuridão da mata.

A face do menino, morena e lustrosa, contrastava vivamente com a face medonha do ofídio.

A serpente e a criança miraram-se no tempo.

Jesus finalmente reagiu, rompendo o silêncio e a paralisia que o tomava. Desejando livrar-se do olhar hipnótico da guardiã, perguntou como andava o paraíso. A cobra sibilou, exibindo sua língua bipartida, e nada respondeu. Não era à toa que a serpente guardava o Paraíso! Tinha fama de ser o mais astuto dos animais da Terra.

O rapazinho, não se dando por vencido, com eloquência inesperada

explicou à serpente que havia humanos que gostariam de voltar ao Jardim de Delícias (percorrendo a senda proibida) e que ele fora incumbido de guiá-los.

A víbora sorriu e gargalhou, maliciosa, e foi rindo cada vez mais à medida que mergulhava no olhar inocente da criança. Gargalhou alto, a boca frouxa, as duas presas pontiagudas resvalando para fora. A língua bipartida escancarou-se e os olhos calculistas afinaram-se, o ferrão negro dançou no ar, acompanhando os movimentos espasmódicos do ventre longo. A cobra inteira sacudia-se de tanto gargalhar, mas súbito, como se algo a tivesse alertado, estancou o riso e assumiu novamente sua postura cautelosa e vigilante. Cara Luzzzz — disse a peçonhenta para o tenro Cristo — o paraíssssso sssempre esteve aberto, diga aosss humanossss que elessss podem voltar sssempre que quisssssserem.

O menino achou estranha a resposta da guardiã, mas intuía que não deveria contestar sua palavra. O pequeno Cristo agradeceu à víbora e virou-se para atravessar a senda novamente, que a esta altura já se encontrava quase totalmente selada pelo véu de teias que as aranhas teciam sem parar. Foi quando viu - no espelho dos diminutos olhos das aracnídeas — a serpente se movimentando em total silêncio às suas costas, elevando bem alto seu ferrão escorpiônico e apontando o espinho mortífero para atingi-lo diretamente na nuca.

Uma fração de segundos, um salto preciso para o lado, num átimo, e o ferrão negro cravou-se no solo. A traiçoeira, mais que depressa, tentou armar novo bote para fulminar o filho de Deus, mas ele escapuliu espetacularmente, atravessando o véu de teias com um vigoroso impulso.

Os humanos o esperavam à beira d'água. Os descendentes dos primeiros. O menino Jesus relatou o que havia acontecido e descreveu como a guardiã do paraíso quase o matara e que as possibilidades de voltar ao Jardim de Delícias eram remotas.

Assim que o rapazinho findou o relato, os homens ficaram irados. Revoltaram-se contra a sorte de vida que Jesus lhes revelara!

Foi a primeira vez.

O rio caudaloso refletia as faces furiosas, enquanto o rosto do pequeno afundava. Nunca conseguiu ficar muito tempo na Terra.

MARTA ROLIM

## Tempo de Maria

Quem se importa com Maria morta? Maria, a mulher de barriga vazia, de ventre infértil, de pensamentos pequenos como fungos moles. Ela passou na roleta do metrô e ficou reduzida a um número. Jogou na roleta russa e o tiro não saiu, não porque tivesse sorte, mas porque o tambor estava vazio. O tambor de sua cabeça oca de sentido. Na rodada seguinte um estampido rasgou o ar e o osso frontal.

Morreu.

Maria foi sepultada com inesperadas homenagens. Época de eleição. Disseram que sua "hissstóoria" serviria com símbolo inenarrável da condição feminina oprimida e escravizada pelas ideologias dominantes. A risada mecânica das hienas, espreitando a presa abatida. Maria mexeu-se no caixão de madeira de LEI. Seria a madeira do Senhor Juiz? — teria perguntado.

O padre ou pastor — quem haveria de saber que representante mor do Senhor estava ali presente? — tirou uma lista de qualidades e bondades do bolso. Alguns daqueles adjetivos deveriam ser perfeitamente atribuíveis a pobre morta. Santa, amiga, corajosa... Corajosa não, afinal tinha terminado como tinha terminado. Quem sabe guerreira das causas perdidas? Guerreira dos sem futuro. Guerreira dos labirintos-sem-fim. Bela, a beleza dos esmaecidos e calmos, depois dos tantos gritos de dor.

De repente Maria era uma alma reconhecida, é bem verdade que já de maneira irreconhecível. Os seus haviam passado pelo funeral e foram adiante, procurar outra cova; uma rasa e sem rosas. Maria não estaria ali, cercada de ternos e gravatas, de mantos e cruzes douradas, de casacos longos e anéis brilhantes, coroas de cravo, discursos e marcha solene. Estava, estava. Deitada, rosto sob o véu e o céu, corpo de flores, rescindindo mogno.

Quando soou "Funeral Music for Queen Mary" alguns choraram. Todas as Marias do mundo foram invocadas de seus memoriais e ungidas rainhas, ainda que apenas por um minuto e trinta e nove segundos.

Uma sensitiva que passava por ali, arrepiou-se toda. Intuiu que aquele era um caso de desencarne difícil, daqueles que a vida prega peças. Resolveu logo afastar-se, pois a

experiência lhe dizia que era melhor não interferir em absolutamente nada, com destino selado não se brinca. Apressou o passo e sumiu entre os mausoléus.

Sábria decisão. Não se passaram dois minutos e Maria tossiu. Houve quem, nesse primeiro momento, buscasse o rosto da mendiga e arregalasse os olhos em horror, mas a maioria dos ausentes, digo, presentes, preferiu ignorar qualquer possibilidade de tamanha insensatez e seguiu lançando pétalas de despedida, murmurando fervorosos "Vai com Deus". E tudo estaria bem se Maria não tossisse uma segunda, uma terceira vez. Não havia mais como negar:

— Maria Vive! — alguém exclamou alto

Foi um aturdimento geral. Bocas abertas, assombro nas faces esticadas. Damas e cavalheiros acotovelando-se para ganhar distância da alma velada. O que era aquilo?

Maria abriu os olhos e viu o azul tranqüilo do céu. Sentiu um gostoso formigamento no corpo, girou os pés; as juntas macias. Tossiu mais uma vez e ao levar a mão à boca, esparramou margaridas no chão. Viu pétalas caindo. O pólen das flores espalhou-se, grudando em sua língua. Sentou-se cuspidando, tossindo mais ainda. Viu o que nunca pensou ver: ela e toda aquela gente rica ao redor.

Ninguém se aproximou do féretro. Havia um horror indizível pairando, sufocando, como doença contagiosa em quarto fechado. Maria estava viva, mas não a viram viva, a viram morta: uma morta estendendo dedos pegajosos; tecidos pútridos manchados, exalando ar nefasto.

Sua figura sentada dentro da caixa escura, me meio às flores desarrumadas; sua figura comprida e cinza, magra, de braços amarelados; sua tossida rouca, puxada do fundo do peito; o rombo na testa, disfarçado com maquilagem; os olhos pardos: tudo conspirava para que Maria não fosse viva, embora viva estivesse. Mal sabia ela que calada, em seu confuso leito, alimentava dramaticamente a angústia coletiva.

Nesse instante, na fração de punhados de terra caindo à cova, o ministro de Deus adiantou-se um passo, imbuído de um sentimento de anticristo, e baixou o pesado crucifixo na cabeça de Maria. Maria tombou. Ficou tal e qual estava antes: inerte. Mas um grosso fio de sangue escorria agora. As testemunhas todas mudas: os rostos petrificados. Um pacto silente, um acordo sem ressalvas: o mal tinha que ser findo.

— Reflexu post morte! - anunciou o ministro com voz grave, espalmando as mãos

Pássaros negros, em seus longos casacões, rápida e firmemente atarraxaram os parafusos à tampa do ataúde. Alguém começou a desfiar uma "Ave Maria" e as vozes tímidas foram assomando, até se tornarem uma só súplica. Lançaram as cordas em torno do caixão e iniciaram sua decida ao eterno côncavo; jogaram rosas; apertaram-se as mãos numa ciranda ardente. Choraram novamente. A laje de concreto finalmente sentou, pesada, selando em definitivo. Coveiros derramaram a terra e postaram a grama.

Antes que tudo findasse, solenemente, com mãos erguidas, o ministro de Deus pediu a palavra:

— Está escrito: "Para tudo há um tempo determinado, sim, há um tempo para todo assunto debaixo dos céus; tempo para nascer e tempo para morrer; tempo para plantar e tempo para desarraigar o que se plantou; tempo para matar e tempo para curar... (Eclesiástes 3: 1-3)

Ouviu-se um burburinho e o delicado farfalhar das folhas de seda do livro divino. Liam os versículos. Ávidos.

Depois, não ouviu-se mais voz. Maria, a mendiga maltrapilha, estava por demais presente para que alguém ousasse contestar seu destino, e os estranhos designios de Deus pareciam imperiosos.

"Tempo de morrer... tempo de matar..."

No profundo da terra um ruído insistente. O tambor de sua cabeça oca de sentido, rescindindo mogno, madeira de LEI.

MARTA ROLIM

## Argola

*"Argola: princípio e fim de uma natureza"*

A serpente esticou suas asas e abriu a boca num longo bocejo, movimentando involuntariamente as presas para frente e para trás. As diminutas bolsas de veneno constavam vazias. Não resistira mais uma vez. A última dose fabricada, lentamente excretada pela diminuta glândula, injetara em seu próprio ventre, na zona inferior, próxima ao rabo. Enterrara as presas pontiagudas em si mesma. Não sentia a dor.

Precisava parar com tal vício autofágico que acabava com suas energias. Vinha perdendo peso e sentia que já não dominava o vôo como antes, perdendo para as rajadas de ventos e mesmo para uma brisa afoita qualquer. As asas simplesmente planavam e o corpo pendia quase frouxo ao sabor das correntes celestes.

Mirou seu ventre pontilhado de picadas duplas. Picadas aos pares, coradas, infeccionadas. A lisura perfeita da pele brilhante interrompida por profundas perfurações. Só não gangrenara não sabia porque.

Há quanto tempo não comia? Enquanto ansiava uma resposta, sobrevinha uma difusa lembrança de ter abatido uma presa, um rato, com um bote ágil e certo. Mas quanto tempo fazia isso? Muito, muito tempo... Mirou novamente seu ventre lustroso: vazio e ferido! Pôs a língua bifurcada para fora da boca e cheirou o ar. Tinha fome. Podia sentir as doses mínimas de veneno migrando para as agulhas dos dentes. Podia sentir que breve algumas gotas estariam prontas e percorreriam o duto, velozes, e poderia senti-las nas pontas das presas. Um arrepio de prazer percorreu-lhe a comprida silhueta.



Esticou as asas plenamente e ensaiou um movimento vigoroso para frente e para trás. Com algum esforço alçou vôo. O rabo contraído e enroscado arrastando sobre as flores do campo, ceifando algumas pétalas. “Flap, Flap!” As asas batiam lentas e eficientes, elevando a serpente no ar. A cabeça triangular apontando os céus e o corpo helicoidal girando como o princípio sinuoso da vida, repleto de curvas.

Ali, do alto, viu o rato. Podia ver o corpinho nervoso, devorando sementes de girassol. Bem nutrido, a pelagem cinzenta, quase fundida à terra, às pálidas folhas secas. Podia sentir seu calor na língua bipartida. Pressionou um pouco as agulhas e as gotículas assomaram. Estavam lá, prontas. Aproximou-se a dois pés de altura. O girassol ocultando e traindo. O rato não a vira. O ventre liso agitou-se, retorceu-se num movimento involuntário. A boca peçonhenta abriu-se. Os dentes brilharam ao sol. As asas batiam, mornas e leves: “Flap, Flap!”

Então, a alada armou o bote. Posicionou-se, pôs as asas para trás, imperceptivelmente preparando um mergulho brusco sobre a presa. Predadora, fatal.

Mas, súbito - não pôde evitar, não pôde - sentiu o sabor da própria saliva venenosa e de novo encantou-se perdidamente. O frenesi do gosto tomando-a de todo. Deu uma volta no ar - laço tonto e louco, anéis fissurados chocalhando - e abocanhou o próprio ventre, fulminante.

As presas enterradas na porção final do corpo. Um círculo no ar. Escamas e asas. O rato escapou, ágil, metendo-se na toca. O veneno percorrendo a longa espinha dorsal. As asas batendo cada vez mais flácidas, “Flap, Flap!” A mente, outrora concisa, assumindo um fluxo nebuloso de intenções. Um giro labiríntico no ar, uma rajada de vento, e a serpente tombou. Argola canibal. Num último gesto, desenterrou as presas ácidas e engoliu um pouco do rabo lustroso. O círculo morto aos pés do girassol. Não tinha mais fome.



## Castrações de uma Rosa

No primeiro castigo deceparam um dedo, o indicador. Isso era para ela aprender a jamais indicar nada sem absoluta certeza. E também não acusar sem provas, e também não falar sem estar absolutamente certa da veracidade do que dizia. Ficou sem o dedo. No lugar, o medo e uma falha na série que era de quatro; um intervalo maior entre o polegar e seu vizinho, o pai-de-todos. Daí que falava cheia de medo, “cheia de dedos” e sua opinião era sempre a mesma: quem sabe, talvez, pode ser, você acha? Puxa... Ah, não tinha pensando nisso... E por aí ela ia, usando todas as formas evasivas, todas os jeitos de não dizer nada com nada. Acabou ficando perita nessa arte de não dizer. A segunda tática era concordar com todo mundo que fosse mais agressivo. Ah, se o sujeito a punha contra a parede, se a mulher ficava histérica e brava, tudo bem, ela só observava o que eles queriam que dissesse e pronto: dizia o que queriam ouvir, morrendo de medo, lógico.

Numa dessas se deu mal, apesar dos cuidados extremos. O maldito a apertou, perguntou se queria ou não queria o emprego. Podia ouvir a sua voz de cadela condenada: “Se o senhor quiser, eu trabalho. Mas a senhora quer este emprego, a senhora sabe as condições que oferecemos aqui, a senhora sabe que atividades desenvolvemos aqui? Puxa, não tinha pensando nisso... Então, a senhora quer o emprego? Pode ser. A senhora está presa!” Aí apavorou-se, como assim, ia ser presa? Ficou muda, branca, mas finalmente teve coragem de perguntar, trêmula: “O que foi que eu fiz, doutor? Ora, esse emprego que estou lhe oferecendo é ilegal e você está aceitando ser comparsa nessa sujeira toda. Sou policial à paisana, pronto pra pegar mulas como você, que aceitam qualquer coisa por dinheiro”. Ela começou a

chorar, mas não teve jeito. Lá se foi o pai-de-todos! Por pouco não levaram a mão inteira. Inda teve sorte de continuar com a palma, ainda que só com dois dedos, um intervalo enorme e o polegar. Três pontas berrantes.

O pior de tudo era levarem o dedo junto com a dignidade. Ela ficara lá no meio do povo, que cuspira e xingara de tudo quanto é asneira (ai de que não xingasse e cuspisse!). Daí colocaram a mão da moça sobre um toco de madeira, já escuro de tanto sangue, e disseram, clamando alto, cheios de razão, “olho por olho e dente por dente!” Baixavam a machadinha sem pausa, sem pensamento. Ela sentiu uma pontada aguda na mão, um fluxo quente jorrando... e viu o dedo postado. O dedo estranho, que não era mais dela e jazia no chão. Queria ficar com o dedinho, me contou, queria alisá-lo, ver se colava de novo; se despedir, ao menos. Mas não teve nada disso, o dedo foi logo comido pelos cães. Depois teve que aprender a lidar com os deditos restantes. Doía, doía, mas depois melhorou. Olha que ela ainda conseguiu fazer milagres com os que se salvaram.

A boa notícia era que a moça aprendera novo jeito de se livrar das encrencas com a Lei. Segredou-me seu codinome: Rosa. Entregou-me uma carta, carta para sair do país, ir para o estrangeiro. De qualquer jeito a carta iria sem nome próprio, precaução contra a má sorte (vá lá que a carta caísse nas mãos inteiras dos radicais?).

Aprendera, também, a fazer-se de surda-muda. Nada entendia e nada falava. Era surda-muda de nascença. Podiam gritar, podiam chamar à vontade quando estava de costas; podiam dizer "cuidado!"; "incêndio!"; podiam estourar balão; podiam dar um tiro pro ar, que Rosa Burca nem se mexia.

“Ah, ah, ah! Você acha que vou me arriscar a perder outro dedo, talvez a mão inteira? Nada disso! Viro múmia! Finjo tão bem que quase que eu mesma acredito na minha deficiência e não volto nunca mais a falar e a ouvir.” Relembro a fala de Rosa, um tom de pânico, se esforçando pra ser audaz, pra não ser enterrada viva.

Outra estratégia que a moça articulava (mandou-me prestar muita atenção), era inverter e devolver toda e qualquer pergunta que fizessem. Você quer esse emprego? inverte: o senhor acha que eu quero esse emprego? Você viu o seu fulano roubando? inverte: O senhor acha que eu vi o seu fulano roubando? Muito importante, ressaltou, não se pode esquecer de devolver a pergunta com voz e ar de descrédito, voz de quem acredita que o indagador é um tolo. Geralmente a estratégia funcionava. Se por acaso não funcionasse, apelava para as evasivas costumeiras. Só atente, recomendou-me ela, para nunca afirmar nada. As afirmativas são perigosas demais nessa terra. Seguindo os conselhos sábios de Rosa, as mulheres haveriam de evitar a perda do pai-de-todos e preservariam suas mãos quase inteiras.

Então, fiz o que podia, enviei a carta dela para a redação. Nunca foi publicada. Tempos depois Rosa Burca morreu. Subnutrida; infecção. As palmas vazias, conchas de cicatrizes. Os dedos semeados pela região.

MARTA ROLIM

---

**Nota da Autora:** Este conto foi escrito inspirado nas mulheres do Afeganistão e nas meninas africanas submetidas a mutilação dos órgãos genitais.

## Gloria Gozo

Aqui dou fé de meu testemunho e digo que ele é de palavra fiel e verdadeira. Podem confiar, não sou mulher de contar lorota, até já fui, mas hoje não sou mais, graças a Ela! Pra mim Ela era um anjo, desses que descem à terra pra testar as índoles, pra deixar bem claro pro Senhor quem é quem nessa vida. Pois sou devota de Glória Gozo, sou devota com muito orgulho! Acendo vela, dou beijinho em santinho, faço promessa e sou atendida, mas a bênção maior que a Glória me concedeu foi em vida, amém!

Tudo começou quando uma cigana muito bonita chegou a nossa cidadezinha de Patiqua e armou uma tenda de pano azul celeste, estampada com brilhos e estrelas, bem no meio da praça central. Ela, uma moça morena, não muito alta, de cabelos negros cacheados, chamava a atenção pela graça e beleza. Vestia-se com vestido vermelho, usando suas muitas pulseiras e pingentes de lua e sol, sorriso alegre, olhos brilhantes, pés descalços. Sempre achei encantadora a forma como Ela chamava os passantes. Jamais se aproximava, quanto mais puxava a roupa de alguém, não, nada disso. Simplesmente sorria, um sorriso amoroso, com uma aura que já denunciava sua natureza divina, e fazia um amplo e suave gesto, apontando para o interior da tenda, curvando o corpo em deferência, como a gente vê os artistas fazerem no final do espetáculo, em agradecimento as palmas, pois assim Ela fazia. No início ninguém ousava se aproximar. Só se ouvia as línguas maledicentes desse nosso povo, falando como víboras, só destilando veneno. Naquela época já diziam, antes mesmo de conhecê-La, que era mulher do mal, prostituta, ladra, mentirosa, seqüestradora de criancinhas e por esse rio de injúria e estupidez iam afogando

qualquer bondade em seus corações.

Infelizmente padre Anito, embora hoje convertido e arrependido, também contribuiu com essa insensatez, orientando as famílias do rebanho a manterem distância da cigana morena, como a chamava. As mães puxavam seus filhos para longe d'Ela, mas as criancinhas insistiam em corresponder ao sorriso luminoso de Glória, sem nenhum medo, atraídas pela luz divina que os adultos não enxergam mais, pelo menos não com a mesma facilidade. Então, finalmente, uma mulher atormentada e sofrida viu em Glória esperança e cruzou o gramado até a tenda azul-estrelada, afrontando a todos, ao padre e aos maldosos.

A mulher, como muitos sabem, era Sandra Maria, a esposa do Coronel Figueira. Sandra Maria foi a primeira a ter a honra de adentrar a tenda e deparou-se com uma sala de tecido aconchegante, um mimoso baú de madeira e meia dúzia de lustrosas almofadas de cetim, nada mais. Glória e Sandra acomodaram-se sobre as almofadas, e muito timidamente, Sandra Maria pediu que Glória lesse o seu futuro. "Que futuro você quer ter?" - essa foi a resposta de Glória e prosseguiram conversando o resto da tarde, até quando a noite principiou a cair. Foi o primeiro milagre. Sandra Maria emergiu da tenda outra mulher. Não que tivesse sucedido uma reviravolta mágica em seu corpo ou uma ruptura abrupta em sua alma, mas havia, isso sim, ocorrido um milagre da natureza em seu ser. Como quando se tem uma semente guardada por anos numa caixa selada e, de repente, se abre a caixa e se lança a semente no solo fértil e ela brota e nasce e, não tardando, dá saborosos frutos. Pois foi um milagre mais ou menos dessa ordem que sucedeu a Sandra Maria, um milagre de renascimento.

Naquele mesmo dia, Sandra chegou em casa e foi direto trancar-se em seu quarto. Estendeu-se na cama e pôs-se a explorar, delicada e meigamente, a flor celeste entre suas pernas. Pela primeira vez na vida gozou, a princípio sozinha, chorando de alegria, em puro êxtase. Como a alegria fosse muita, e mal se continha de um desfalecimento orgástico, chamou coronel Figueira e contou-lhe a boa nova, voz embargada, dizendo apenas que havia sentido um novo mundo, e lhe dando beijinhos



lascivos e carinhosos, foi conduzindo o marido para a cama, onde gozou novamente, não sem gemidos e movimentos derretidos de prazer.

O coronel, muito conservador, que sempre fizera tudo do mesmo jeito, assustou-se muitíssimo com a nova mulher, cheia de exuberância, que agora dormia profundamente, entregue e cansada, sobre seu peito. Ao mesmo tempo maravilhado e horrorizado, coronel Figueira imaginou toda sorte de justificativa para tal mudança de Sandra Maria, sua esposa, sendo que a justificativa que lhe parecia mais convincente era a de que se fizera corno, e que vinha sendo traído, substituído por homem mais bem dotado e capaz, a ponto de a mulher ter aprendido toda sorte de delícias conjugais. O pobre coitado passou a noite em claro, angustiado, dividido entre matar a mulher ou amá-la mais uma vez. Acabou acordando Sandra Maria as cinco da manhã, para sentir suas curvas femininas, que agora estavam mais vivas e quentes do que nunca. Só levantaram da cama quando o sol já ia alto.

Então, Sandra Maria começou a pregação. Falou a todos sobre Glória, a mulher da tenda das estrelas, a mulher que lhe mostrara uma luz, e de como gozara lânguida e generosamente na noite bem dormida. E de boca em boca a cigana morena começou a ser chamada pelo povo de Glória Gozo - a padroeira das frígidas - a medida que mais e mais mulheres começavam a procurá-la e não voltavam à tenda sem uma palavra de graças e uma aleluia. Em pouco tempo era preciso entrar numa fila para falar com Glória e espontaneamente surgiam voluntários que ajudavam a manter um mínimo de ordem na praça pública. E não somente mulheres a procuravam, mas alguns homens também e um, dentre estes, foi padre Anito, que veio ver que obra era aquela que Glória Gozo vinha fazendo. Padre Anito saiu da tenda erguendo as mãos para os céus e dizendo repetidas vezes "Bendita sois, Glória Gozo, dentre as mulheres!"; e enquanto ia repetindo, ia abençoando a multidão ali presente, que eufórica diante da evidente aprovação dele, gritava felizes e emocionados aleluias. As más línguas dizem que ele deixou a batina depois de receber a luz de Glória, porque também ele teria desfrutado a bênção do gozo. Mas essa não é bem a verdade, como ainda terei a oportunidade de lhes contar.

O fato é que nem todo mundo gostava de Glória, ao contrário, ao passo que muitos a amavam, tantos outros nutriam ódio e rancor por Ela. Mesmo o coronel Figueira, apesar do encantamento que sentira por sua esposa, não suportou vê-la tão feliz. Disse que ela estava muito autoconfiante e dona de si, e isso não era boa coisa, pois era o homem que devia chefiar a casa e conduzir as coisas do jeito que gostava e aprovava. Queria a esposa obediente aos seus rotineiros desejos. Acabaram separando-se, não porque Sandra quisesse a separação, mas porque o Coronel não suportou a sua felicidade.

Foi mais ou menos nessa época, logo após o coronel Figueira e Sandra Maria romperem o casório, que iniciaram os levantes contra a fé em Glória: os maridos começaram a trancar as esposas em casa, salvo uns poucos, que compartilhavam com elas ainda maior plenitude; padre Anito desapareceu, não deixou a batina, mas foi transferido de paróquia, da noite para o dia, sem sequer poder despedir-se do rebanho; um grupo de encapuzados queimou a tenda azul-estrelada, mas no outro dia a tenda estava no mesmo lugar, linda como o céu. Glória tinha mais de um tecido guardado no baú que não queimou. Assim a perseguição contra os crentes foi crescendo e ficando mais cruel e acirrada. Mas Glória permanecia serena e intocada, apenas dizendo que quando chegasse a hora partiria.

Foi encontrada morta numa manhã, dormindo feito anjo. Um furo no peito, nem sangue havia. Nós, os fiéis, a abraçamos e enrolamos no tecido de estrelas; derramamos óleo perfumado em seus pés, pois a dor era tanta que queríamos que Ela sentisse todo o nosso amor, com o Santo óleo que ela nos fornecia. Agora a dor do luto já não é a mesma porque sabemos que Glória Gozo vive e que sua obra continua. Criamos o seu santuário Sagrado em Patiqua e muitos outros foram erguidos em sua homenagem por todo lugar.

Escrevo esse testemunho para agradecer a bênção do gozo, que recebi com muita alegria depois de ter aprendido alguns de seus ensinamentos. Publico esse testemunho em pagamento de promessa e dou graças a Glória Gozo pela libertação que me proporcionou. Amém! Convido você a conhecer também os caminhos de GG. Se desejar se comunicar com os seguidores de

Glória Gozo, escreva para [gloriagozo@anhosdeprata.com.br](mailto:gloriagozo@anhosdeprata.com.br) -  
Patiqua.

MARTA ROLIM

**Nota:** o e-mail indicado no texto é verdadeiro.

## Cena Amorosa Sem Fim

No amplo saguão do casario, uma pintura surrealista, um quadro de Dalí, o Salvador, tão ou mais real que a vida. Um Picasso, exibindo gritos agudos, os das línguas triangulares das éguas. A desconjuntura das formas fazendo pleno sentido, como os fractais, que debocham de nossos conceitos de caos.

A moça Helena gostava especialmente do que fugia à regra, a regra que rompia com gesto doce, mas não apenas doce: suculento, derramado de desejo. Que estranha cena de encontro, quando Felipe, ainda jovem e belo Felipe, lhe devolveu um beijo e fugiu. E fora um beijo molhado, um beijo de quem quer mais... Os pecados das hordas primitivas revolvendo-se nas almas, mas não na dela, moça Helena, que amava sem regra. Se Felipe tinha trinta e nove e ela vinte, se Felipe já era pai e ela virgem, se Felipe era viúvo e ela solteira... que diferença fazia? Amava cada traço de seu rosto, a voz ponderada e grave, o colo que lhe acendia a paixão.

Pensara que as vezes a morte era boa, mas não para aliviar as dores. Morrer prolongava o mal e tornava ainda mais difícil o caminho, como quando sua mãe morrera, semeando uma via tortuosa.

“A Natividade da Virgem”, obra artística de Ghirlandaio, lhe servindo qual espelho na parede, revelando uma elegante mulher ruiva, coque ricamente ornado, seios à mostra. Do longo e delicado pescoço pendia uma corrente dourada e, enroscada à jóia, uma serpente sinuosa pairava, contrastando com a brancura lisa de sua pele. A dama ruiva era Helena, seu fiel retrato, e a serpente lhe guarnecia e condenava. A mãe também fora ruiva e Helena, em verdade, era em tudo

semelhante a genitora. A mesma beleza pálida, os mesmos caracóis em fogo.

A morte da mãe era vaga lembrança de um tempo em que se apegara ao pai. Depois, o internato. A distância de casa; as saudades pungentes, que foram dando lugar a um indiferença cuidadosamente cultivada, para que as feridas não sangrassem de novo; as amigas; os namoricos; as risadas nos quartos do casario; as escapadelas para o centro da cidade; os estudos de francês; as aulas de canto...

Nas escadarias do internato, figurava a “Alegoria das Três Idades da Vida”, uma encantadora obra de Ticiano, que sem que ninguém suspeitasse, previa um destino. A majestosa pintura retratava um moço, de corpo bem desenvolvido, quase inteiramente nu, trocando profundo olhar com uma jovem, que de tão cândida, guardava um traço angelical. Helena parava no alto da escada, a admirar o quadro preferido. De alguma forma esperava encontrar-se em semelhante paisagem de amor. Ticiano a compelia ao encontro passional. Foi então que conheceu Felipe.

Numa tarde, como tantas das longas tardes no internato, aproximou-se um jovem senhor, que muito galantemente a convidou a passear. Helena enamorou-se dele tão rapidamente como a primavera abre-se em flores e pensou que finalmente vivia a cena amorosa de Ticiano, a sonhada.

Sem o menor pudor, dedicava ao eleito carinhos e gentilezas mis, esquecendo por completo toda timidez e compostura. Felipe, por sua vez, parecia enfeitiçado, mas mantinha um elegante e absoluto respeito pela jovem. Tocava-lhe os cabelos ruivos, percorria as linhas suaves de seu rosto, sorria, embevecido, dizia baixinho seu nome, porém, sempre à distância. Assim passaram-se vários dias, em muitas horas de paixão contida, cheia de contemplativa entrega de um para o outro.

Não suportando mais represar o seu amor e como Felipe demorasse a vir ao seu encontro, Helena ofereceu-se com tamanha languidez e sedução que por fim beijaram-se, tomados de ardor. A cena amorosa, como vivificação da obra de Ticiano, compunha-se. Um quadro dos mais belos. O primeiro beijo de Helena, beijo alimentado por homem

de maduro vigor. Entretanto, gradualmente, o que parecia o momento mais feliz de ambos, foi-se revestindo de horror. Felipe, como se visse a própria assombração do mal, como se fosse mordido pela serpente que guarnecia o pescoço da formosa ruiva de Ghirlandaio, lançou-se para trás e, mais que depressa, afastou-se da jovem Helena, que sem nada compreender, pôs-se a chorar, pois pressentia o desespero do amado.

Felipe fugiu. Foi-se correndo, desaparecendo na alameda de pedras que rondava o casario, adentrando o bosque adjacente. Depois, não muito depois, enviou uma carta a Helena, revelando toda a verdade. Que a achara encantadora, magnífica, que lhe dedicava os mais profundos sentimentos, mas que amor de ambos era impossível. Descreveu com minúcia cada motivo seu, cada diferença que os separava, e sustentando que não mais poderia vê-la, sob pena de cometer grave injúria e injustiça, despediu-se. Helena não conformou-se. Escreveu-lhe de volta com paixão ainda maior e afirmando, cheia de envolvente súplica, que só havia um caminho na vida, o do amor. Nada mais importava, se não o amor. Que nenhuma diferença ou semelhança era importante, que nenhuma opinião alheia era determinante, que somente a felicidades deles, o bem maior, deveria ser salva de um ultrajante esmagamento, que nada tinha de sagrado ou divino. Felipe nada respondeu.

O silêncio de Felipe consumia Helena. Já não alimentava-se, nem divertia-se, tampouco estudava. Metia-se na banheira, banhava o corpo esguio em água morna e deixava-se afundar, mergulhando a cabeça ruiva no líquido tépido, até não suportar mais a agonia de não respirar; então renascia das águas, como de um parto mal sucedido, que lhe impingia a vida como castigo, sem gota de prazer. Lentamente foi recuperando-se das dores pontiagudas de uma paixão ferida, mas não esquecia Felipe. Ainda tinha esperanças de que ele voltasse, tão repentinamente como havia chegado em sua vida.

Helena não esperou em vão. Felipe voltou numa tarde de sol, como tantas das longas tardes que douravam o saguão do casario. Disse que viera buscá-la, que a amava e nada além importava. Que pensara nela noite e dia e na maldição de não poder vê-la e tocá-la. Beijou-lhe sem medo, desta vez com ávido desejo, despertando em Helena a mais plena volúpia. A cena amorosa se recompunha. Felipe interrompeu-se

por um instante e falou sussurrando: “Helena, querida... você se parece tanto com ela... tem certeza de que me quer mesmo assim?” e a moça ruiva, de cabelos fogo, que em tudo era semelhante à mãe, que gostava do que fugia à regra, respondeu baixinho, “...beije-me papai, beije-me...”.

MARTA ROLIM



## Alianças

O velho apaixonou-se pelo garoto e, desde então, como se o Maligno lhe tivesse soprado uma pestilência, seu coração começou a falhar. Uma febre silenciosa tomava conta de seu corpo, calafrios lhe percorriam a sensível planta dos pés e subiam, vertiginosos, pela coluna vertebral, até alcançarem a nuca e, nesse átimo de tempo, o coração sustava todo movimento.

De natureza intempestiva e vivaz, o velho não se assustava com tais sintomas. Tudo que lhe importava no mundo, enquanto o coração cessava, era o garoto; nada mais, nem a vida, nem Maria.

Punha-se à janela da palhoça, junto aos bichos que empalhara; acendia um charuto perfumado, presente do patrão, e ficava horas a mirar o peito definido, as pernas musculosas, a trilha de pelos escuros guiando para dentro das calças do rapaz. E que estupendo rapaz, que exibia um corpo perfeito! O melhor de tudo: ouvira falar que o volume generoso entre as coxas do garoto dizia respeito a uma bela vara, reta e grossa como poucas. Fremia de desejo, sonhando possuir o jovem como quem possui um deus.

O velho era velho: a pele enrugada como papel amassado, a boca seca e amarga, no entanto, os olhos eram brilhantes e ainda tinha força naqueles braços para derrubar um novilho. Além disso, se unia a esposa com freqüência e disso Maria Moça não tinha o que reclamar, pois ele era feroso, mesmo que arfasse muito e de quando em quando tomasse fôlego, exausto que ficava. Era velho, mas, como dizia, num misto de orgulho e dó de si, “ainda estava inteiro em tudo que um homem precisa estar inteiro”. E na sua

sabedoria primitiva, era o que interessava.

O rapaz levantava cedo, tomava um café reforçado, com ovos, leite e pão caseiro, e ia trabalhar nas lidas da terra. Não tardava e o velho deixava as cobertas aquecidas, deixava Maria, e vestia o casaco longo, proteção contra o sereno frio da manhã, e o seguia, imaginando toda sorte de luxúria. O rapaz se abaixava, derramando suor, em posição curva, nádegas em evidência, a arrancar ervas daninhas, e o velho começava a sentir o quente da febre, os calafrios a lhe varrerem a espinha e o coração surdo, subitamente a falhar no peito. Uma vertigem quase o tombava, porém, não antes de poder, em delírio, arremeter em supremo gozo às costas do rapaz. Enterrava o falo duro no rapaz e gozava como nunca. Depois tombava, perdia as forças, morria.

Mas na realidade, não tombava, nem fincava coisa alguma, nem morria. Permanecia quieto, derretido de desejo, até que decidia voltar para casa.

Encontrava Maria Moça na cozinha, rescindindo temperos gostosos, a cozer um feijão caprichado, a fritar bistecas de porco, a assar uma polenta de primeira. Encostada ao fogão, ela lhe sorria e ofertava um copo de vinho. O velho bem que gostava de Maria, de sua jovialidade de moça de trinta, bem cuidada. Maria não era do campo, era da cidade grande, mas se adaptara a vida simples da fazenda por amor a ele. O velho tomou do vinho num trago, e serviu outro, que virou garganta abaixo ainda mais ligeiro. Depois, com dois passos largos foi até Maria, que remexia, distraída, as panelas no fogão, e sem lhe dar tempo de nada, alçou sua saia, baixou suas calcinhas rendadas e, num único gesto firme a fez ficar dobrada sobre o próprio ventre, então, fincou o falo duro com vontade. Maria bem dava seus gritos e gemidos, reclamando de sua grosseria, mas em verdade gostava dos ímpetos do velho e se comprazia em agradá-lo sempre. O que Maria Moça não imaginava era que o velho seu marido, com vigor redobrado naquele instante, arremetia em suas partes íntimas sonhando estar adentrando as carnes tenras do garoto.

A vida naquela calma de interior seguiria insuspeita, caso não sucedesse uma ironia do destino.

O velho repousava depois do almoço, como de costume, quando por necessidade imperiosa de ir ao banheiro, obrigou-se a levantar da cama mais cedo. Já estava a evacuar no vaso quando ouviu sussurros e falas abafadas que provinham dos fundos da casa. Mal aliviou-se e correu a ver o que acontecia, tomando o cuidado de não ranger as tábuas do assoalho. Por meio de uma fresta viu o garoto, inteiramente nu, acariciando Maria, que quase sem vestes, correspondia, cheia de paixão. O velho encantou-se. Pouco lhe importava Maria! O rapaz era ainda mais belo do que supunha e que talento natural detinha! Mais que depressa o velho viu-se estimulado e enquanto assistia a cena ardente, buscava a própria satisfação.

A princípio, a satisfação em olhar o casal era mais que suficiente e todas as tardes o velho fingia ir repousar e depois corria a espreitar o garoto e Maria Moça em seus encontros inflamados de paixão, mas, pouco a pouco o ciúme começou a lhe remoer o íntimo. Começou a ter febres e calafrios mais freqüentes, o coração falhava mais vezes e a agonia de não poder ter o rapaz em seus braços, enquanto Maria o desfrutava livremente, foi dominando seu ser.

Quando Maria chegava, depois da hora de amor com o jovem rapaz, o velho logo a procurava e vinha lhe cheirar o pescoço, alisar sua pele e também penetrá-la, no afã de sentir o cheiro e o gosto do garoto. Maria Moça bem estranhou a mudança no comportamento de seu marido, porém, ria-se, pois concluiu que sem-saber-sabendo, o velho percebia o cheiro do amante. Mas isso foi no princípio, porque uma raiva crescente foi dominando o velho. Frustrado e isolado de sua paixão, competindo com sua esposa pelo amor do jovem, ciente de seu sonho quase impossível de se realizar, foi tramando uma vingança libertadora.

Maria precisava morrer, já que lhe roubara a maior alegria da vida, e não sentia dó nem piedade dela, pois ela também não se condoía de seu coração fraco e angustiado.

Foi fácil para o velho. Deixou moranguinhos de molho em veneno discreto e letal, e depois de bem encharcadas as frutinhas, serviu-as à mesa da casa em suculenta salada de frutas. Maria logo a provou

e caiu doente. Pediu para ser levada ao médico, mas o velho não a levou e ainda cuidou de que não melhorasse, servindo suco de morangos ainda mais envenenados. O enterro foi terrível, pois o velho teve de fazer-se de inconsolável e isso muito lhe custou.

Viúvo. Agora era viúvo de novo e o garoto estava só. Tinha tudo articulado. Iria se aproximar do jovem, lhe oferecer um ombro amigo, lamentar-se um pouco também e lhe tocar a pele sedosa. Fez isso, entretanto, o rapaz não lhe deu a menor chance de contato, fugindo de sua companhia, desprezando qualquer conversa íntima, baixando os olhos, desviando o olhar, acossado pelo luto brutal e pela dor da culpa de não ter podido auxiliar a mulher amada. Via o velho como uma alma penada a lhe perseguir, ameaçadora. Então, mais uma vez, o velho foi se amargurando de sua sorte e a dor da rejeição foi superando o ardor da paixão. Foi nutrindo um ódio pelo rapaz, mas não bastante para deixar de desejá-lo. Ainda o queria, mais que tudo o queria, mas parou de procurá-lo e nunca mais se viu os dois juntos.

Como se encontrasse o caminho da sublimação de seus libidinosos impulsos, o velho voltou a dedicar-se com renovado interesse à arte do empalhamento. Pouco a pouco voltou a sorrir e era com entusiasmo pueril que exibia a qualquer visitante seus espécimes empalhados com verdadeira e progressiva maestria. Alinhava sobre um caixote liso toda sorte de instrumentos, organizava com esmero cada detalhe. As luvas, o avental, o bisturi, a seringa, os arames, o serrote e alicates, a tesoura, o paquímetro, nada faltava. Noutro madeiro punha uma diversidade de materiais, do prego à estopa. E num terceiro móvel rústico, abrigava produtos químicos, dentre os quais o formol nunca faltava. Não havia bicho que não pudesse empalhar com perfeição.

Nesse ínterim, o garoto seguia seu trabalho na fazenda, sem jamais olhar nos olhos do velho, mas passados poucos meses, ouviu-se um diz-que-me-diz que bandeara para os lados do Paraná e que se fora sem dizer adeus a ninguém.

O velho prosseguia sua vida renovada, feliz, ganhando fama de grande artista, o coração voltando a bater como um relógio suíço.

Mas isso foi até o dia da sua morte, quando o coração parou de vez e como ninguém tivesse avistado o velho já por longas horas, um grupo se reuniu e tratou de ver o que se passava. O capataz esticou o pescoço pela janela da casa, avistou os bichos empalhados que pareciam dotados de alma, e uma caixa de finos charutos aberta sobre a mesa. Gritou pelo velho, mas a casa estava um silêncio só. Tiveram que arrombar a porta e foram dar com o velho estendido sobre a cama, morto, abraçado a um rapaz nu, de belas formas. O mais estranho é que o corpo do rapaz estava perfeitamente empalhado, exibia um olhar fixo de apaixonado, e na sua mão havia uma aliança com os dizeres: para sempre teu, velho.

MARTA ROLIM